

Organizadoras
Thais Labanca
Jacqueline Souza

Crônicas de escola
docência ao rés-do-chão

Crônicas de escola

Copyright © 2022 Thaís Labanca, Jacqueline dos Santos Souza e Desalinho.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1900, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

O conteúdo dos textos são de inteira responsabilidade dos autores

Capa de Jorge Paulino e Pablo Rodrigues

Imagem de capa MCh Lee/Unplash©

Editor-chefe

Pablo Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Crônicas de escola : docência ao rés-do-chão / organização Thaís Labanca, Jacqueline dos Santos Souza. — São João de Meriti, RJ : Desalinho, 2022.

Bibliografia.
ISBN 978-65-88544-29-7

1. Crônicas brasileiras I. Labanca, Thaís. II. Souza, Jacqueline dos Santos.

22-125752

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira B869.8

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

[2022]

Desalinho publicações

Rua Caricó, S/N

São João de Meriti — RJ

Telefone: (21) 994428064

www.desalinhopublicacoes.com.br

desalinhopublicacoes@gmail.com

Crônicas de escola

docência ao rés-do-chão

Organizadoras

Thaís Labanca

Jacqueline dos Santos Souza

Sumário

A vida ao rés do chão da escola 8
André Luís Mourão de Uzêda

Primeiras palavras 14
Thaís Labanca
Jacqueline dos Santos Souza

I — Quando eu comecei a gostar de ler.

Retalho de pedras 18
Sabrina

Memórias de um passado literário 22
Caio Cesar

Lembrar, escrever, dançar 26
Luiz Guilherme Ribeiro Barbosa

Abrir janelas 30
Mariana Thorpe

**O diário de uma irmã mais velha e futura
professora de português 34**
Stephanie S. Thomaz

II — Mas aquele professor foi diferente

Voz e escuta: a junção narrativa 39
Diego Rufino dos Santos

Vale a pena ensinar literatura 43
Elizabeth Pessanha Nogueira

Novos ares, novos tempos 48
Gabriella Lopes Soares

Pelas ruas da sabedoria 51
Leonardo Lemos

O paradoxo da xexelentísse 55
Luisa Dahbar Paranhos

III — Vai fazer Faculdade de Letras mesmo?

Literatura sem restrições 61
Anne Carolyne Barbosa Brandão

Meus retalhos nada de cetim 64
Beatriz Vilela Marinho

Prosas e recordações 69
Bruno Dutra Rocha

O passado em um dia de verão 73
Fernanda Bello

Lobato e a literatura racista 76
Guilherme Vieira da Silva Aguiar

Deixa queimar 80
Ingrid Santos Ciodaro

Reflexões no escritório 83
J. S. Souza

“A magia das letras” 86
José Nivaldo Sena

Calada Voz 91
Rafael Monteiro

Sexta-feira 97
Thais Labanca

IV — Sou professor(a). E agora?

O shampoo e a cabine do caminhão 102

Andréa Motta

Ler é acessar o mundo 105

Cristiane Soeiro Cunha Gomes

Onde estão o Nós que queremos escrever neste terreno 108

Deryk Almeida

Andar de bicicleta 112

Marcos Scheffel

Adicionando cor à literatura 117

Ana Carolina Rodrigues

Linha de produção 121

Débora Klayn

Primeiro dia de aula 125

Zíngara Maria Barbosa de Lima

Ínterim 128

Beatriz Alves Rocha

Prefácio

A vida ao rés do chão da escola

O mestre aparece-nos hoje não mais com a sua velha aparência de transmissor de conhecimentos imóveis, mas como um artista e como um homem, criando largamente com tudo que houver de preclaro na sua inteligência, de puro no seu sentimento e de nobre na sua atividade.

Crônicas de educação, de Cecília Meireles.

Quando Antonio Candido publicou o célebre ensaio “A vida ao rés-do-chão”, no início dos anos 1980, redigiu-o de modo isomórfico: abordando o gênero crônica, refletia no estilo o fundo temático. Para tratar desse “gênero menor”, sem “pretensões a durar”, recorria igualmente a uma linguagem “mais leve e mais descompromissada”, prosaica e corriqueira, como é próprio do texto cronístico. E mais: veiculava-o não em suporte “sério”, como tese acadêmica ou livro de crítica literária, mas na despreziosa e bem sucedida coleção “Para gostar de ler”,¹ lançada pela editora Ática no final dos anos 1970. Responsável pela formação leitora de crianças e jovens

1. CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In: **Para gostar de ler: Crônicas** — vol. 5. São Paulo: Ática, 1981-4.

de mais de uma geração — como bem comprovará o leitor ao cabo deste livro —, a coletânea foi um grande sucesso editorial e educativo, difundindo o prazer de se ler crônica nas escolas e canonizando-a como um dos mais recorrentes gêneros escolares. Com o efeito de “quebra do monumental e da ênfase”, como salientou o ensaísta, ela tem mesmo esse efeito de conversa, bate-papo e lero-lero que tanto nos aproxima de uma “vida ao rés-do-chão”, sendo propícia para os mais distintos propósitos curriculares no ensino de língua portuguesa, literatura, produção textual e, ousado dizer, de quaisquer outras disciplinas que estejam abertas aos mais criativos trânsitos inter e transdisciplinares.

Embora hoje se possa dizer que o gênero tenha cortado o cordão umbilical com o ventre que lhe serviu de suporte por tanto tempo — o bom e velho jornal — e tenha adquirido novas dinâmicas nas redes — do longo textão do Facebook aos míseros 280 caracteres de um *tweet* —, a crônica contemporânea, ainda que não se destine mais a “embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha”, resguarda da versão moderna alguns dos seus genes embrionários mais dominantes: a íntima relação com o cotidiano; a efemeridade (aquela treta momentânea que já é imediatamente superada); a potência de um alumbramento que revela uma singela grandeza na delicadeza de um ínfimo; a relação íntima com a cidade que serve de inspiração ao cronista-bloqueiro-flâneur.

Não obstante o descompromisso com o “sério”, o “sisudo” e o “complexo”, é o mesmo Candido quem ressalta, tratando mais especificamente sobre a prosa de Carlos Drummond de Andrade, uma outra faceta do

gênero: o do exercício dos que “*ensaiam* o pensamento”, num livre diálogo com Montaigne. Apontando para uma certa “vocalização monográfica”, o crítico destaca que alguns dos textos em prosa de Drummond “têm características de estudo”, sendo próprio da escrita do itabirano a presença da “solidez da informação, que ele atenua por meio do tom ocasional”, elaborando “um escrito que vai além da crônica sem perder o encanto da sua leveza”.² De igual modo, vamos encontrar o exercício ensaístico na produção de Braga, Bandeira, Cecília e Clarice, por exemplo.

Lendo *Crônicas de escola: docência ao rés-do-chão*, o leitor provavelmente chegará à mesma conclusão que tive ao ler os textos que compõem esse volume. Neles perduram marcas da crônica moderna, ainda que adquiram, tematicamente, a roupagem contemporânea. A pouca depuração estilística, dado o curto tempo para a redação do texto, se outrora decorrente da necessidade de entregá-la antes do fechamento da próxima edição, agora vem da necessidade de encerrá-la antes de ser flagrada na firma em que trabalha para manter a faculdade, como se lê em “Reflexões no escritório”. O amargo ofício do cronista que diante da folha branca vive o pavor da falta de assunto, tão explorado pelos “cronistas de repartição” nos anos 1950, reaparece no desabafo de um grupo de conversas com os colegas (que deduzi, em minha leitura, ocorrer pelo WhatsApp) em “O Sampoo e a cabine do caminhão”: “— Eu não consigo escrever minha crônica. Acho que estou com bloqueio criativo.” Ao tom do comentário subjetivo intercala-se a narrativa

2. CANDIDO, Antonio. “Drummond prosador”. In: *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 20.

ficcional. E tudo isso me leva a considerar que uma “vida ao rés do chão” segue predominante como uma singularidade do gênero na contemporaneidade.³

Mas, ainda que descompromissada, não se engane o leitor: a elucubração aqui não comparece de forma alguma despropositada. Ao “rés” do chão, estas crônicas assentam-se sobre um em específico: o *da escola*. E é sobre esse sintagma que reside o primoroso esforço de se “ensaiar o pensamento” de que fala Antonio Candido. As reflexões são de enorme sensatez, argúcia e criticidade. Operam um efeito sofisticado: tratam do complexo sem abandonar a simplicidade na linguagem. Atribuem à formação leitora na infância um dado preponderante para a escolha da profissão; exploram os desafios da formação docente inicial durante a licenciatura sem desconsiderar os vazios do currículo (como a ausência da literatura infanto-juvenil ou da ênfase na educação para as relações étnico-raciais, por exemplo); desromantizam o olhar idealizado para a profissão como “dom”, “vocação” ou “sacerdócio”, pontuando as agruras em diferentes contextos educacionais, tanto em esfera pública quanto em privada. Ao mesmo tempo, não são desesperançadas: assumem o compromisso com um modelo de escola crítica e socialmente referenciada, traço que desponta como espécie de linha condutora entre os vinte e oito textos que integram a presente coletânea.

3. Sobre a crônica contemporânea, tracei algumas breves considerações em artigo para a Revista Garrafa. Para mais, ver: UZÊDA, André L. M. de. “Entre literatura, imagem e mídia: a crônica revisitada na contemporaneidade.” In: *Revista Garrafa*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 28, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/9464>.

Na organização desta, aliás, encontramos ainda outra marca característica das antologias cronísticas: a subdivisão em seções temáticas. Emblemáticas nesse sentido são as propostas de Drummond para a organização de *Andorinha, andorinha*,⁴ volume de crônicas de Manuel Bandeira de 1966, e de Joaquim Ferreira dos Santos para *As cem melhores crônicas brasileiras*,⁵ de 2007 (obra, inclusive, que aparece mencionada como uma referência para a introdução ao universo das crônicas por mais de um dos cronistas aqui reunidos). Amplamente assumida por diversas organizações antológicas, a categorização temática parece nos conduzir pela leitura como fazem os curadores em suas propostas de exposições museográficas, de modo que a cada “sala” sejam explorados diferentes aspectos ressaltados pela curadoria sobre o tema em tela. Como um “visitante de museu”, o leitor aqui também é convidado a pensar em diferentes perspectivas sobre o contexto escolar a cada seção: “Quando eu comecei a gostar de ler...”; “Mas aquele professor foi diferente”; “Vai fazer Faculdade de Letras mesmo?” e “Sou professor(a). E agora?”.

As reticências e perguntas abrem espaço para a interlocução, e ressoam da primeira à última página do volume escrito por atuais e futuros professores oriundos da licenciatura em Letras da UFRJ. Comungando reflexão e prática docente ao exercício da escrita, praticam-na de forma criativa e criadora, sem amarras de um academicismo universitário que tanto enrijece a liber-

4. BANDEIRA, Manuel. *Andorinha, andorinha*. (org). Carlos Drummond de Andrade. 4 ed. São Paulo: Global, 2015.

5. SANTOS, Joaquim Ferreira (org.). *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

dade do pensamento, cada vez mais comum em tempos de produtividade meritocrática. Sintomático, aliás, que no discurso dos nossos docentes-cronistas compareça reiteradamente o desencanto pela escrita literária desde o ingresso no ensino superior: “não gostava de gramática, mas adorava escrever contos, habilidade que perdi completamente mesmo fazendo Faculdade de Letras”, lemos em outra passagem do livro. Os autores de *Crônicas de escola: docência ao rés-do-chão* resgatam, assim, o ofício do cronista para pensar o chão da escola porque não se sentem estritamente contemplados com o ambiente “científico” da universidade. Recorrem ao discurso literário porque sabem que a potência da literatura reside justamente na capacidade de confabular um outro mundo possível — aquele em que a educação pública, gratuita e de qualidade se encontrará acessível a todos em um mundo equânime, justo e socialmente igualitário.

André Luís Mourão de Uzêda⁶

Rio de Janeiro, 28 de julho de 2022

6. Doutor em Letras (Ciência da Literatura) pela UFRJ, docente de Língua Portuguesa e Literaturas do Colégio de Aplicação da UFRJ, leitor apaixonado de crônicas e assumidamente comprometido com uma educação pública de qualidade.

Primeiras palavras

O que nos levou a escolher a licenciatura? o que será isso que nos motiva a ensinar? Todo professor nasce na escola? Em 2020 vivemos uma pandemia, pela primeira vez nos víamos com medo inseguros sobre o mundo em que vivemos e que do dia para a noite se tornou muito mais mortal. Tudo mudou, abraços se tornaram um risco, escolas e faculdades que eram lugares de convivência, trocas, passaram a funcionar apenas a partir da tela dos computadores. Professores e alunos se viram diante da dificuldade de se fazer entender, aprender, ensinar, em um mundo completamente diferente.

Muitas foram as dificuldades enfrentadas por todos, tecnologia até então desconhecida da maioria, internet instável, câmeras inoperantes; e então quando percebemos já estávamos no final da graduação, momento do estágio e como fazê-lo a distância? Em meio a isso surgiu a proposta do professor Marcos Scheffel (Didática e Prática de Ensino de Português e Literatura), vamos escrever sobre a profissão docente, o que nos trouxe até aqui?

Em meio a um momento em que o mundo refletia sobre a vida, refletíamos também sobre a educação, a li-

teratura e no fundamental papel do professor em nossas vidas. Nas crônicas contamos um pouco desses que nos inspiraram, tentamos por meio de nossas escrituras, como nos ensinou a brilhante Conceição Evaristo, chegar ao porque gostamos de ler e como cultivar esse sentimento nos alunos.

Nos textos a seguir, desnudamos o porquê de sermos docentes, por que o professor não nasce quando ele começa a atuar em sala de aula, nasce quando ele escolhe estudar para isso, fazer do ensino sua profissão.

**Thaís Labanca
Jacqueline dos Santos Souza**

Ganesha é barrigudo, de tantos caramelos, e tem orelhas e tromba de elefante. Mas escreve com mãos de gente.

Ele é mestre de iniciações, aquele que ajuda as pessoas a começarem suas obras. Sem ele, nada na Índia teria começo. Na arte da escrita, e em todo o resto, o começo é o mais importante. Qualquer princípio é um grandioso momento de vida, ensina Ganesha, e as primeiras palavras de uma carta ou de um livro são tão fundadoras como os primeiros tijolos de uma casa ou de um templo.

Eduardo Galeano, *Espelhos*, 2008.

I

Quando eu comecei a gostar de ler.

O que faz uma criança gostar de ler? O exemplo dos pais? A escola? Os meios de comunicação? Vontade espontânea? Neste capítulo reunimos as crônicas que tentam dar as respostas a essa questão. Ler é fantástico, mas, no mundo acelerado de hoje, é uma tarefa que nos exige paz. Nós, professores e trabalhadores, temos isso? E nossos alunos?

Retalho de pedras

A memória é fragmentada e na tentativa de preencher os espaços vazios criamos narrativas, diálogos e até pessoas; e dentro das milhões de tentativas para resgatar determinadas lembranças, me propus a criar este pequeno retalho através de palavras.

Em 2006, meus olhos enxergavam algo totalmente diferente do que vejo hoje. Não só os olhos vivenciavam uma outra experiência, mas todos os outros sentidos do meu corpo estavam em uma outra frequência, se é que posso chamar assim. Estudei em uma escola repleta de pedrinhas, todo o pátio era composto por areia e pedra. Costumo dizer que aquela escola em que cursei todo o meu ensino fundamental era cinza, como uma fotografia muito antiga. Era uma escola pequena, de bairro, e com poucos alunos, que por sinal eram quase todos vizinhos. E se me perguntassem qual era o meu lugar favorito naquela escola com pedrinhas cinzas, eu diria que era a portinha marrom no final do corredor.

No auge dos meus 11 anos, uma idade muito significativa nas histórias que eu acompanhava, havia algo mágico atrás daquela porta. Primeiramente, porque ela nunca estava aberta. Para entrar, eu precisava pedir à

inspetora e nunca nos horários de aula, isso era estritamente proibido. Então, eu chegava em casa, almoçava e voltava ao colégio com a mochila vazia. Finalmente, estaria no meu direito de pegar as chaves da portinha marrom. Ainda consigo lembrar do cheiro de mofo, da minha rinite atacando e dos meus olhos ardendo. A sensação da poeira entrando pela minha garganta ainda me causa certos calafrios. A sala era pequena, mas na época eu sentia que era uma imensidão de possibilidades. Duas estantes de aço em cada lado da sala e uma mesa redonda no centro impossibilitavam a entrada de mais de duas pessoas. Os livros nas estantes eram velhos, alguns até sem capa. Com muita sorte, conseguia encontrar os que estavam em melhores condições. A inspetora segurava as chaves na mão, encostava na porta e me apressava:

— Eu não tenho todo tempo do mundo.

Ela não gostava das minhas visitas. Eu também não gostava muito dela.

Os livros eram escolhidos pela capa. Eu gostava de personagens femininas, porque queria me encontrar em alguma história, já que no mundo real eu me via sempre muito perdida entre as garotas da minha idade. Eu tinha o direito de levar 5 livros para casa, mas aproveitava para ler alguns ainda na escola. Eles tinham uma coleção infantil dos livros de Shakespeare, da editora Scipione. Eram os meus favoritos. Lembro da capa, com todas as cores e desenhos, das obras clássicas “Romeu e Julieta” e “Sonho de uma noite de verão”. No fundo da estante também encontrei o livro “Oscar e a Senhora Rosa”, de Éric-Emmanuel Schmitt, um dos livros que mais me marcaram na infância. Lembro da capa azul bem artística e das páginas finais que me roubaram muitas lágrimas.

Tudo começou a ficar ainda mais cinza quando as visitas à biblioteca começaram a ser suspensas. Eles disseram:

— Hoje tiramos o dia para limpar.

No dia seguinte, eles disseram novamente que ainda estavam organizando as estantes, mas que na próxima semana eu poderia voltar.

E quando abriram a portinha marrom, uma semana depois, percebi que as estantes estavam ainda mais vazias. Alguns livros sumiram, sem muita explicação. E os didáticos ganharam certa evidência. Aproveitei o pouco que ainda restava, mas em algum momento dessa linha do tempo fecharam a portinha para sempre.

[...]

Alguns anos se passaram e eu comecei a guardar dinheiro para os livros, também descobri uma biblioteca municipal, e além do mais, comecei a ver possibilidades através da *internet*. Nunca mais visitei aquela escola cinza e após 15 anos, eu me encontro longe o suficiente daquela cidade para nem mesmo passar perto dela, embora ainda tenha sonhos frequentes com aquele lugar.

Hoje recebo algumas perguntas em sala de aula:

— Professora, como faz para gostar de ler?

Eu digo que a gente só gosta. A gente experimenta e cria paixão pela leitura, porque o mundo é cruel demais sem ficção. Mas ainda não é suficiente, ainda mais agora que há tantas possibilidades de preencher vazios de forma mais imediata. Naquela época, eu só poderia esperar pela portinha marrom no final do corredor, não havia muitas opções como smartphones, streaming ou qualquer outra ferramenta tecnológica.

Ainda no meu processo de formação como professora de Literatura me vejo como uma mediadora, alguém que cria oportunidades, caminhos, trajetos... Não como aquela que obriga, cobra e utiliza a leitura como punição. A frequência em que o mundo se encontra é totalmente diferente, e é preciso respeitar a ordem natural da vida. O mundo está diferente, mas os livros ainda precisam de leitores. Eu escolhi fazer da literatura a minha profissão, porque em algum momento alguém me disse que existia uma portinha repleta de livros, e que mesmo com o cheiro insuportável de mofo, valeria a pena tentar.

Estamos em uma era digital, mas mesmo assim os livros ainda não são tão acessíveis. Dizem que as crianças, os jovens e até mesmo os adultos não gostam de ler, como se essa condição fizesse parte da biologia humana. Nossos alunos não precisam abrir mão do que o mundo já proporciona. É importante ter em mente que a literatura não aprisiona, não tira nada da gente. Ela adiciona, preenche o que não existe, nos dá resposta — e mais do que isso — nos dá milhões de perguntas.

Biografia

Sou a **Sabrina** e estou vivendo meus últimos meses como graduanda de Letras-Literaturas na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Hoje eu sou também professora. Sempre gostei de ler, escrever e ensinar. Esse combo é o que me levou para o lugar que hoje ocupo com grande alegria. A escrita da crônica foi uma experiência incrível de viagem no tempo, pois retornei exatamente ao momento do meu primeiro contato com a literatura.

Memórias de um passado literário

Por muito tempo cresci com o meu pai e minha mãe falando como a educação tem um papel fundamental na vida de cada pessoa. Somos envolvidos por várias áreas interdisciplinares que nos conduzem pra buscar um entendimento universal sobre diversos assuntos. Para nós amantes da literatura é tão magnifico quando viajamos no tempo, nos inspiramos em histórias, poemas, contos. Adorava em dias chuvosos, ao cair da tarde, olhar cada gota de água caindo sobre o chão e pensar em como a leitura mantinha-me vivo e curioso.

Pensava sobre o que me inspirava e refletia sobre cenas que me vinham à mente. Não saia da minha cabeça os momentos passados com minha avó em sua sala de jantar, em que ela contava suas histórias e suas vivências. Era estranho como um garoto de exatamente nove anos, imaginava como sua avó conseguia dançar frevo, ou melhor, como uma senhora de 60 anos, com seus pés inchados e seu sobrepeso conseguiria ir até o chão com aquele chapéu colorido? Mas eu ria desenfreadamente e aquilo era um conto tão sutil, tão hilário, tão amável. Adorava a sensação de liberdade que era transmitida.

Lembro bem do momento em que estávamos sentados na varanda de sua casa nos refrescando com a brisa do vento no final da tarde, e vinha o perfume que exalava dos seus cabelos, o qual não esqueço até hoje. Aquele aroma de pêsego que marcava Dona Clarice. Era bem vaidosa e gostava sempre de estar bem apresentável. Era tão risonha que fazia questão de receber todos em sua residência com seu humor contagiante. Minha avó em uma de suas conversas informais contou-me que quando morava próxima a praia, em Recife, tinha o desejo de casar-se com um marinheiro. Ela achava lindo um belo homem fardado. Enquanto ela relembrava suas memórias antigas, vinham seus risos frouxos e os comentários: “Eu era tão arteira que minha mãe ficava atrás de mim e dizia que um dia eu casaria com um marinheiro”. Eu não me aguentava com tantas risadas e pensava em como minha avó era terrível. Ela admirava os navios que ancoravam no porto só pra observar toda a movimentação de pessoas na cidade e a vontade intensa de um dia ir embora para o Rio de Janeiro em uma daquelas imensas embarcações. Era engraçado quando ela revisitava seus pensamentos e lembrava-se de quando subia na árvore, como uma criança bem levada, e ficava olhando o mar e os navios que saiam de Recife. Nesse momento, ela sentia um desejo intenso em querer ir embora e se aventurar. E sobre as voltas que o mundo dá, ela me falava sobre a coincidência ou destino pode chamar como melhor representar para vocês, que enfim se apaixonou por um marinheiro. Naquela época o senhor Maurílio, meu avô, ficou encantado pela dona Clara, e ela de forma objetiva deixou claro o que queria e no meio de tanto envolvimento não sabia quão sortuda se tornava. Compar-

tilho com vocês que ambos são Nordestinos e tinham um objetivo em comum “morar no Rio de Janeiro”. No fim dessa história, com um olhar bastante emocionado e ainda com um sorriso, ela disse que foi necessária a partida do jovem marinheiro por quem se apaixonou. E ele veio para o Rio de Janeiro com a missão de futuramente busca-la. Não é que ele retornou a Recife, a pediu em casamento e ambos se estabilizaram na cidade de Nilópolis, mais precisamente localizado na baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Se antigamente soubesse esboçar melhor que essa história daria um lindo conto, falaria para alguém colocar essa história em um papel.

Eram tantas emoções que precisavam ser descritas que não tinha como não compartilhar alguma neste texto. Penso sobre como as pequenas, as mais breves, os relatos mais singulares são essenciais para pensar sobre as riquezas das vivências que merecem ser exploradas. Possuímos nossas raízes, e com elas nosso legado, nossa formação e o enredo que faz parte de algum histórico familiar.

Ainda sobre minha avó, apesar de toda sua sutileza em contar histórias havia nela um sentimento de acolhimento e aconselhamento. Ela falava gentilmente: “Meu neto sempre reflita sobre seus valores e sobre como a educação é importante”. É muito recorrente na minha imaginação eu me questionar sobre isso. Porém ela explicou que de onde ela vinha muitos jovens não tinham acesso a uma boa educação e que as oportunidades não podiam ser desperdiçadas. Eu fiquei muito atento sobre este conselho, foi uma das vezes que observei minha avó tão seria naquela cadeira de balanço e com seu olhar bem firme que demonstraram marcas de um passado

que naquele instante não foi tão perceptível em forma de intensidade e representatividade. Quantas lições. Tenho tantos adjetivos pra essa senhora de fibra que representou tanto na minha formação como pessoa.

Existem muitas Cecílias, muitos Machados, João do Rio em nossas famílias que precisam ser chacoalhados pra se abrir para a arte da literatura. A minha avó podia não saber muito sobre escrita, entretanto soube me ensinar sobre amar a arte da leitura, a arte de contar histórias e como isso tinha um valor apreciativo em nossa família. Por um tempo pensei e deixei destacado acima esse pensamento, e reafirmo: “Acho que minha avó deveria ter publicado um conto, pois era cada história que me fazia ir longe da cidade do Rio de Janeiro e cair diretamente em Boa Viagem”. Bons tempos!

Só sei que amava e cá estou viajando pela literatura.

Biografia

Caio Cesar — Sou aluno da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), concluinte do curso de Letras-Literaturas. O meu contato com a crônica veio de umas leituras existentes no jornal Globo no período da adolescência. Durante o ensino fundamental uma professora de Português me fez ter contatos com os gêneros textuais, sendo a responsável inclusive pela minha decisão do curso de graduação. A disciplina de produção textual foi fundamental pra o retorno com a escrita e as disciplinas de literatura abriram meus horizontes com os mais variados escritores. Por fim, não posso deixar de destacar minhas preferências por Machado de Assis, Clarice Lispector, Lima Barreto, entre outros.

Lembrar, escrever, dançar

Aprendi a dançar funk na escola. Eu era criança nos primeiros anos dos anos 1990, a música era outra. O funk apenas começava a extravasar os bailes, subir os morros e globalizar as ondas das favelas. A favela é o mundo. Nelas, onde não morei, a terra junta gente de muitos cantos. Acho, no entanto, que foi o funk, estudado na escola, estudado no corpo da criança na escola, estudado no corpo da criança que jogava futebol, acho que foi o funk o que guardou um pouco de favela em mim, mesmo não morando nela. Isso eu aprendi na escola que ficava no subúrbio, numa rua chamada Debussy. A escola na esquina da “debussi”. Foi ali que meus pais me assistiram, pela primeira vez, descer até o chão.

Lembro dos detalhes, mais do que das histórias. O teto da sala de aula, pré-moldado com tijolos e faixas de cimento. O pé de esponja da vizinha, que brotava por cima do muro da escola. A amendoeira. Um dia, formando fila para entrar ou sair da escola (que mania estranha enfileirar esses insetos: as crianças), a árvore resolveu lançar uma amêndoa na minha cabeça. Doeu, riram. Mas fiquei mesmo foi intrigado. Qual a intenção da natureza? Não foi a pergunta que fiz, foi a pergunta

que senti. No caminho de casa, as famílias se despediam. Uns iam para os lados das ruas trinta, trinta e dois, outros me acompanhavam para os lados do rio, onde havia um canal com água turva: ruas quinze, dezesseis. Minha avó pedia licença se passávamos por um alguidar de barro transbordando desejos nas esquinas.

Assim, ensaiei dançar funk. Não sei mais a música que dancei, mas sei um passo. Guardei um trecho da coreografia. Talvez porque tenha sido o momento da surpresa, do aplauso, do espanto. O grupo de crianças aos seis, sete anos de vida trançando os pés no ritmo da música nova. E permanecendo de pé. O pé direito saltava para a frente do esquerdo, que no mesmo instante saía do chão. Depois, o pé esquerdo voltava a apoiar no chão, para o direito retornar ao seu lugar e, assim, permitir um chute no ar com a perna esquerda. A partir daí, o passo se repetia num looping frenético mais acelerado que o ritmo do coração. Uma espécie de drible sem bola, um futebol abstrato ao ritmo do que tocava no rádio. O corpo das crianças faz parte do mundo, os adultos perceberam.

Naqueles anos, eu descobria o desenho das letras, o cheiro do papel, as enciclopédias ilustradas. Posso dizer que me apaixonei pelas letras desde o começo, por isso dançar na escola fez diferença. É que há um escrever no dançar, uma alfabetização do corpo que, como na alfabetização da língua, vai significando a vida. A grafia dos movimentos do corpo, como a grafia dos sentidos nas palavras, pode transformar o tempo em história: eu dancei funk na infância, e foi quando a família me estranhou, e aplaudiu. Será isso escrever, isso que chamam de literatura — chamar para dançar a estranheza que há

em si? Eu dancei aquele funk e ele existe como uma espécie de poema em mim, que não se escreveu.

Mas para que, afinal, reivindicar o poema na lembrança? Deixe o poema esquecido. Se muito, lembre dele quando, lendo, se sentir derrotado pelo que leu, vislumbrando uma vida depois de ler. E quando lembramos e vislumbramos outra vida na memória? Chamam de infância, mas posso, no caso dessa lembrança, também chamar de escola. Enquanto me alfabetizava, aprendi a ler e inscrever. Nem tudo escrevi e, ainda hoje, convivo com essa insatisfação: não sei escrever o que vivo. Só que, mesmo não tendo escrito o poema do funk na infância, essa dança se inscreveu em algum lugar em mim e, às vezes, como um verso, volta, e lembro dela. Essa lembrança não é literatura. O jeito de lembrar talvez ecoe, porém, o que eu gostaria de chamar de literatura.

Não sei se estou com a razão. Tenho ideias vagas sobre o que escrevo. Estaria afirmando que, durante o processo de alfabetização e, depois, de letramento, aprendi a lembrar movido pela paixão da literatura? A pessoa que me chamo foi se desenhando num trabalho conjunto com o texto, mesmo que eu não o tenha escrito. Com qual estilo você lembra? Não sei se falo a verdade, mas gostaria que fosse assim. Hoje trabalho como professor numa escola e procuro compreender os modos de ler um texto. Cada estudante em contato com a tradição literária e a produção cultural pode atualizar os modos de fazer literatura, mesmo que não publique livros. Sob a perspectiva do letramento, uma pessoa significa a literatura em potencial.

Sob a perspectiva do estudante, um professor significa a literatura em potencial. Lembro do funk na infância. Lembro da professora que me ensinou a dançar enquanto me alfabetizava. Era uma mulher com a pele preta. Pode ser que o funk representasse uma marca sua em mim, pode ser que ela gostasse de funk e nada mais. Lembrando da dança, percebo que os sentidos também dançam. Não posso decidir sobre o sentido daquele funk, mas posso ler o que restou na memória. Os pés trançando, um drible no ar, as crianças de pé. Um samba.

Biografia

Me chamo **Luiz Guilherme Ribeiro Barbosa** e atuo como professor de português e literaturas no ensino básico. Suponho que se escreve literatura sob a perspectiva de um leitor, e tento ensinar essa posição a crianças e adolescentes. Por isso, a crônica, um pedaço de literatura, assim como o poema, aparece como um gênero propício à sala de aula — implica sujeitos, resume experiências, sua leitura ou sua escrita podem caber no tempo de uma aula.

Abrir janelas

Desde muito nova, sempre via minha avó carregando livros. Tenho essa forte lembrança como parte da minha infância e, por vezes, compartilhei histórias com ela durante as diversas leituras. Dona Dirce, no entanto, estudou apenas até o ensino fundamental. Bisneta de uma mulher negra escravizada, nasceu nos anos iniciais do governo Vargas, o que justifica a curta trajetória escolar, pois sua família ocupava a classe mais pobre da sociedade. Cresceu mulher e negra nos tempos tomados pelo autoritarismo e enfrentou durante muito anos as condições impostas pela ditadura militar, como a censura. Não se curvou a nenhuma das imposições e se construiu à frente de sua época, criando cinco mulheres para enfrentar o mundo patriarcal e desigual de peito aberto e cabeça erguida.

Antes de entender o que era literatura e me debruçar em assuntos relacionados ao hábito de leitura, questionava “mas como ela gosta tanto de ler?”, o pouco acesso que teve a educação foi suficiente para desbravar aos quatro cantos, a quem quisesse ouvir: “Ler é conhecer o mundo. Conhecer o mundo sem sair de casa! Ainda é econômico” e soltava uma gargalhada, da-

queelas que faziam parte da essência dela. Tinha o hábito sólido, visitava as folhas todos os dias no cenário mais aconchegante que já conheci. Acompanhada de sua xícara de café, posicionava seu óculos velhinho e abria um livro pela manhã. Abria um livro como quem abre a janela e suspira para o sol entrar, como combustível para enfrentar mais um dia. Hoje, ainda não consigo responder como ela construiu, mesmo com todos os aspectos socioeconômicos contra, um apego tão grande à leitura.

Não tenho mais a curiosidade sobre como ela gostava de ler, a pergunta mudou: quem seria minha avó, com tantas potencialidades, se a ela fosse dado acesso à educação, ao ensino de leitura e produção de textos? Mesmo se formando até o ensino fundamental, guardou até os 84 anos, todos os seus documentos escolares e todas as provas que fez em sua vida. Demonstrando a nós, os que ficamos, o quanto a escola era importante para ela, o quanto baseou sua falta de acesso e transformou no desejo insano de nos ver ocupando os mais diversos lugares na Universidade.

Por que pensamos tanto em como se formam os leitores e pouco interessa a formação de escritores? Ler e escrever não é só uma experiência intelectual. A leitura carrega memória, eterniza histórias, laços, biografias. Carrega cheiro, tato, afeto. A literatura não é somente um componente curricular, tem papel social de imortalizar narrativas grafadas nas páginas em branco, capaz de vozear corpos invisibilizados. De forma clara: as potencialidades do sujeito estão atreladas às condições sociais.

E cabe a nós, os que percorrem a academia, formular novas questões para serem enfrentadas. Cabe a nós,

questionar a construção de um cânone literário composto majoritariamente por homens brancos de classe média alta, do eixo Rio-São Paulo. Quais são as narrativas que importam? Onde está o futuro da literatura? Cabe a nós desconstruir o mito dos clássicos e, de uma vez por todas, espalhar pelas salas que a literatura é para todos. Assim como minha avó também me ensinou, lendo Sartre, Gabriel García Márquez, Nicholas Sparks, Zíbia Gasparetto e revistas de fofoca.

Talvez seja romântico demais pensar como a minha avó em um país que planeja tributar livros. O desafio será ainda maior: levar às margens, folhas agrupadas que funcionam como janelas, que te fazem descobrir sua própria identidade, te aproxima dos seus gostos e te leva a lugares que, fisicamente, nos são negados. Para Dona Dirce, por exemplo, os livros tinham tanta importância e tanto espaço na casa quanto os santinhos protetores que ela guardava. Eclética não só na leitura, garantia proteções de entidades diversas, das mais variadas religiões. Talvez, precisemos enxergar os livros como santos protetores da ignorância e da alienação, os quais tem se alastrado facilmente no Brasil de hoje. Talvez, pensar como a minha avó seja o que me mantém crendo que seja possível levar mundos e conhecer outros estando num curso de licenciatura, fazendo parte do processo de descoberta a partir da escrita.

A esperança, na verdade, não é só sobre a construção de um hábito de leitura na educação básica, mas também de uma representatividade maior na literatura. Será que o afastamento das crianças e adolescentes não está no desinteresse e diferença nas narrativas que chegam até eles? Um túnel divide a leitura de seus leitores,

um túnel divide realidades que não se aproximam no vai-e-vem da cidade. Para isso, precisamos enxergar os alunos não mais invasores dos espaços intelectuais, mas sim sujeitos capazes de usar a narrativa para polarizar um campo.

Entender o acesso à leitura como poder, é uma possibilidade de demonstrar o quanto a literatura é importante nas engrenagens de uma sociedade. E não se limita aqui as discussões em torno da traição ou não de Capitu, tampouco a obra póstuma de Brás Cubas e, sim, as milhares de narrativas que existem dentro dos muros da escola. Transformar a leitura num momento de lazer, econômico e prazeroso, assim como fui ensinada pela Dircinha. Por sinal, essa que inspirou esse texto, não tinha nenhum conhecimento sobre didática ou ensino de língua. Apenas foi uma criança que, entre todas as dificuldades de uma vida de alguém que passou fome, viu no livro a possibilidade de abrir janelas e ver sóis.

Biografia

Mariana Thorpe é fruto da educação pública, está concluindo a graduação em Letras/Literaturas na UFRJ. Fascinada pela sala de aula e pelo aprender, encontrou na Licenciatura espaço importante para debater as questões sociais que sempre estiveram presentes em sua vida. Carioca, 22 anos, ama a vida boêmia e herdou raízes no samba. Apaixonou-se por livros cedo, quando pequena sonhava em ser escritora. Acredita que a escrita é a mais pura expressão do ser.

O diário de uma irmã mais velha e futura professora de português

Num corriqueiro domingo à tarde, decidi assistir um filme no YouTube e meu irmão mais novo, que também estava na sala, na época com recém feitos 11 anos de idade, ficou bastante emocionado com o desfecho de uma história muito famosa que ocorreu durante a segunda guerra mundial. Havíamos assistido “O diário de Anne Frank”, história de um diário escrito por uma adolescente, quase da idade dele na época e conhecida por descrever em seu diário os momentos vivenciados por ela, sua família e mais um grupo de judeus, enquanto confinados em um porão para se esconder dos alemães. Ao notar a reação dele, logo sugeri que ele também lesse o livro que detalha de forma minuciosa e tocante o cotidiano sofrido por aquela jovem na Alemanha nazista, até porque, em algum momento ele provavelmente ouvirá falar daquela história na escola em suas aulas de literatura. O que eu não esperava é que ele respondesse que, além de não gostar de ler, também não gostava das aulas de literatura. Choque! Eu já sabia do seu apreço maior pelas ciências exatas, mas não que não gostasse de literatura. Respirei fundo! Afinal, difícil é achar um adolescente em plena era da internet, *trends* do *Tik Tok*,

Twitter e Instagram e joguinbos online que goste de ler livros, né?

— Como assim você não gosta de ler? Você fica horas assistindo séries legendadas e vendo coisas na internet e tudo isso também é uma forma de leitura, então você gosta sim de ler, apenas precisa achar um assunto que também chame sua atenção.

— Já tentei ler alguns livros e acho chato.

E lá vamos nós! Na posição de não só estudiosa da área, mas também de uma irmã preocupada com o futuro intelectual desse menino, eu não poderia deixar passar aquela fala. Imediatamente, fiz aquele discurso sobre a importância da leitura e das aulas de literatura, explicando o quanto elas são importantes para o desenvolvimento emocional e cognitivo dos alunos, pois perpassa por sentimentos como a emoção, por exemplo, mesmo sentimento que motivou seu interesse pela história de Anne Frank, bem como de tudo que aconteceu durante o maior genocídio do séc. XX, motivado e apoiado pelo governo nazista, que levou a morte da família de Anne Frank e de mais de seis milhões de judeus. A literatura nos humaniza e para além de algumas formas questionáveis de transmissão de conteúdos literários, que muitas vezes nos são impostos, é importante que os alunos e professores estabeleçam uma sintonia fundamentada no prazer e na liberdade, na troca de experiências e discussões. E ainda mais importante é o contato individual dele com a leitura, desvinculado de imposições e ideologias, o que o permite debruçar de forma genuína na arte da leitura, sendo o professor apenas um mediador desse contato. Expliquei que ler é também uma forma de relembrarmos o passado, para que possamos enten-

der o presente e não repetirmos os mesmos erros no futuro. Por exemplo, em seu diário, Anne registra em 20 de junho de 1942, frases muito emblemáticas sobre a forma como judeus eram tratados naquele regime: “Os judeus eram obrigados a se recolher às oito da noite, e, depois dessa hora não podiam sentar-se nem mesmo em seus próprios jardins. Os judeus não podiam frequentar teatros, cinemas e outros locais de diversão. Os judeus não podiam praticar esportes publicamente. Piscinas, quadras de tênis, campos de hóquei e outros locais para a prática de esportes eram terminantemente proibidos. ” O que demonstra a importância de sabermos eleger bons representantes e não apoiarmos discursos autoritários e preconceituosos, pois já sabemos onde isso pode chegar.

E eu não poderia fazer esse discurso sem dar as ferramentas para formar o gosto pela leitura. Disse a ele que daria o livro de presente, já que se interessou tanto pela história, junto com alguns outros para contextualizar o conflito que envolveu a segunda guerra mundial. Bem, ele disse que iria ler sim, e que só estava me testando por saber que sou uma futura professora de português e literatura!

Tudo começa quando a criança fica fascinada com as coisas maravilhosas que moram dentro do livro. Não são as letras, as sílabas e as palavras que fascinam. É a história.

Rubem Alves, *O prazer da leitura*, 30/08/2018.

Biografia

Stephanie S. Thomaz — Aprendi a ler muito cedo, com meus pais em casa e a alegria que notava nas pessoas ao me verem, tão pequenininha, lendo e proferindo palavras difíceis com toda segurança me motivava, e foi o meu pontapé inicial para sempre querer ler mais, de preferência gibis, contos e, mais tarde, livros de ficção. Meus primeiros contatos com a crônica foram na escola, no ensino fundamental, e Luíz Fernando Veríssimo sempre esteve presente. Nunca havia escrito uma até que recebi essa proposta do professor Marcos Scheffel, já na faculdade, e gostei muito do desafio pois me despertou a vontade de escrever outras, sem a pressão de ser avaliada, apenas pelo prazer de escrever. Os cronistas que mais gosto são Cecília Meireles, Clarice Lispector e Lima Barreto.

II

Mas aquele professor foi diferente

Quem nunca teve aquele professor que fez diferença na nossa vida? Todo mundo guarda lá no fundo na nossa memória afetiva aquele professor que nos fez enxergar a realidade por novas perspectivas. Este capítulo é uma homenagem a todos aqueles professores que fizeram a diferença.

Voz e escuta: a junção narrativa

Concentrados no espaço da escola em que faziam parte, os pequenos Pedro, João e seus colegas, alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, eram estimulados, em pequenas horas do dia de segunda-feira, a terem um momento de leitura. Numa viagem para as diversas imaginações que são desenvolvidas a partir da narrativa, as crianças acreditavam na possibilidade de criar e recriar sonhos. Mas a imaginação, por vezes, não nos mostra outras realidades.

7h30 da manhã de uma segunda-feira. José, pai de Pedro, aproveitando a ida ao trabalho, deixa o filho na escola. Pedro estava ansioso. Seu primeiro dia de aula em um novo colégio e, logo nesse dia, teria aula de Língua Portuguesa. Ao chegar na sala, o menino tinha em si a timidez e nervosismo, sensações de se esperar quando algo novo está para acontecer. Pedro, ao ser apresentado pela professora Roberta, sentou na primeira cadeira da fileira, tirou os materiais necessários pra aula e indagou à professora, quase se derretendo de timidez por dentro e por fora:

— Professora, eu amo ler e escrever. Tenho um caderno pra escrever histórias. Mas não consigo entender

algumas coisas. Algumas matérias da escola. Em casa, meus pais não têm tempo pra me ajudar nem nos deveres de casa nem na leitura dos livros. Meus pais trabalham o dia todo, aí por isso acontece isso. Queria que eles tivessem mais tempo comigo pra gente fazer tudo isso junto.

A professora, surpresa com o relato de Pedro, propôs uma atividade, em dupla ou trio, a fim de que os alunos pudessem tirar, da primeira fábula do livro didático, diversas interpretações acerca do assunto. E que, no final, cada grupo pudesse externar suas experiências com aquele mundo narrativo.

De início, Pedro, um pouco tímido, deixou que alguns dos seus colegas pudessem o escolher, mas muitos já estavam formando pares e trios — e assim ele começou a pensar que ficaria sozinho. Até que, no momento em que a professora contou os integrantes dos grupos, viu que João também estava só.

Também um pouco acanhado, João, ao contrário de Pedro, não gostava de ler nem de escrever. Ele não gostava muito das disciplinas de linguagem. Bem, a sua praia era mais contas, números e o raciocínio lógico. Aquilo que envolvia as partes exatas. Se para Pedro a participação dos pais na vida escolar do filho deixava a desejar, no contexto de João a situação ficava ainda mais complicada. Morador da baixada fluminense, ele saía de casa muito cedo e pegava o transporte público até a escola — que ficava no centro do Rio. Ele perdeu a mãe ainda muito pequeno e, com o pai trabalhando por todo o dia, passava a maior parte do tempo com sua avó paterna, a Dona Elvira. Sem acesso a uma internet de qualidade em sua casa, João se encontrou, no ensino a

distância, devido à pandemia da COVID-19, em uma situação preocupante. Dona Elvira, que custeava parte das necessidades dela e de seu neto, faz de tudo para ajudar a pagar o colégio da criança, pois, para ela, a educação é muito importante. O pai de João, Adalberto, não é muito presente na vida do filho. Pra ele, o bem material é o que importa e, pagando uma parte das obrigações como colégio, roupas e comidas, já está de bom tamanho. João sentia falta do afeto paterno.

[...]

Das disparidades da vida.

Pedro e João ficam lado a lado para a tarefa de Língua Portuguesa. Ouvindo as coordenadas que a professora Roberta começou a dar para a realização da atividade, os semblantes das crianças continham reações diferentes. Para Pedro, o que chamava atenção na história era o texto — em que ele detinha um olhar apurado na intenção de entender ao máximo cada vocábulo presente. Para João, a atenção do texto se conteve na linguagem não-verbal. A imagem presente na história deixava o estudante interessado em saber o que estava acontecendo, de fato. Para ambos, a compreensão interpretativa não era lá aquelas coisas, mas os dois tinham aquela curiosidade de uma criança interessada e esperta, e isso por si já era um acréscimo a um possível bom desempenho.

Roberta começa a ler a pequena fábula:

“Uma raposa, tendo entrado na casa de um ator e medido em cada uma de suas vestes, encontrou também

uma cabeça de máscara muito bem trabalhada. Tomou-a nas patas e disse: “Oh! Que cabeça! Mas não tem cérebro”.

De súbito, e analisando a imagem, no livro didático, da raposa verificando a cabeça de máscara, João prontamente soltou um grito:

— MEU PAI!

A sala inteira olhou e prestou atenção em João.

E, em seguida, terminou: acho que essa máscara é do meu pai. Perdida, quem sabe. Ela é bem linda por fora, mas por dentro falta muita coisa.

Biografia

Diego Rufino dos Santos, 24 anos, aluno do curso de Letras — Português e Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor de Língua Portuguesa e Redação, pesquisador pela também UFRJ e revisor textual no Tribunal Regional Federal da 2ª região. A quem se interessar, estou no Instagram com o user @tortadellmao. Lá, em meu perfil pessoal, falo sobre conteúdos relacionados às disciplinas de Língua Portuguesa, Redação e Literatura para vestibulandos e concurseiros. Também, vocês vão encontrar reflexões sobre o cotidiano, lançamentos sobre o mundo da música, séries, filmes e, claro, memes. Será um prazer conhecer cada um de vocês!

Vale a pena ensinar literatura

Com o passar do tempo, na minha trajetória acadêmica, fui percebendo a importância do ensino de literatura, pois é fundamental para formação de leitores e escritores com senso crítico que saibam expor suas opiniões, além de ampliarem seus conhecimentos.

Durante a minha graduação muitas vezes esse assunto foi colocado em pauta pelos meus professores. Confesso que demorou muito para eu perceber isso, talvez por causa da forma superficial com que esse tema foi tratado em minha jornada escolar, somente na universidade é que a minha ficha caiu.

Hoje, ao conversar ou observar alguns educadores em suas práticas pedagógicas, vejo que é essencial incentivar os alunos à leitura e à produção textual. Infelizmente, por muito tempo essa questão me foi negligenciada por docentes que, em sua maioria, não estimularam em minha pessoa o hábito da leitura e principalmente de escrever.

Pode ser porque na época que cursei o ensino fundamental e médio o mais importante era a gramática; desse modo, aprendi as classes gramaticais, análise sintática, conjugação verbal, ortografia e não sobrou

tempo para literatura, ficando limitada apenas a leitura de um texto no dia da prova e algumas poucas perguntas de interpretação de texto, pois o foco era a gramática.

Porém, ao trazer à memória essa temática, lembrei-me de um professor da oitava série chamado Cícero, que apresentou à turma alguns gêneros literários, trouxe alguns livros e textos muito interessantes. Ele foi uma exceção, era muito bom e todo mundo na classe gostava dele, deve ser por esse motivo que é único professor de língua portuguesa de quem guardei o nome. Faz sentido, não é?

Esse professor nos apresentou vários livros de literatura brasileira: Dom Casmurro, Iracema, O cortiço, Éramos seis, O Mistério do Hotel Cinco Estrelas, Um Cadáver Ouve Rádio e a coleção de crônicas Para Gostar de Ler. Ainda tenho alguns desses livros em minha estante, lembro de uma crônica que li “Cãomício no calçadão”, se trata de uma crônica de assunto corriqueiro da sociedade, em que foi utilizado o gênero fantástico para produzir humor, era tão engraçada que não esqueci e olha que muita água já passou debaixo da ponte depois disso.

Um certo dia, o professor Cícero em sua avaliação nos trouxe um trecho de um livro de romance que não me lembro o nome, mas recordo como se fosse hoje do trecho que dizia: “a doença lhe pegou de supetão” e a pergunta que o professor fez: Como a doença acometeu a personagem? Meu amigo Chico ao invés de escrever supetão, respondeu chupetão. Cícero que não perdia uma piada então comentou: __ tem gente que mesmo depois de velho não esquece a chupeta!

Ele fez um comentário da resposta, mas não disse o nome do aluno, porém todos perceberam que era o Francisco, pois de branco ele ficou vermelho igual um pimentão e rimos muito. Ah! Que tempo bom!

Infelizmente, como já disse, Cícero foi uma exceção à regra dos professores, que tive, por causa dele quis ser professora de português e por coincidência, atualmente, trabalho na mesma escola de uma amiga que estudou comigo na oitava série; ela me confessou que também se espelhou neste querido mestre e escolheu sua profissão. Um bom professor influencia de forma positiva seus alunos e deixa saudade.

Cheguei à universidade vinte quatro anos depois da educação básica, me senti incompleta em meus aprendizados, descobri que faltava algo no meu currículo escolar, no caso as aulas de literatura e produção textual que não ocorreram no ensino médio. Dessa forma, tive dificuldade nas disciplinas de literatura, foi um longo caminho a percorrer, não foi fácil, entretanto na vida nada é fácil.

Com isso, nesse momento de volta à sala de aula precisei correr atrás do prejuízo e continuo correndo. Tive ajuda de excelentes professores, foram diversos docentes de literatura que auxiliaram meu desenvolvimento. Vejo hoje minha evolução ao receber um e-mail de um professor, que a tempos atrás, no início da graduação, me deu a média mínima e agora, no final, quase a nota máxima. Senti-me muito feliz.

O segredo é o seguinte: perseverar, buscar ajuda com docentes, monitores, em oficinas, cursos extras, tudo mais que possa acrescentar o seu conhecimento e auxiliar na sua formação. Ter bons amigos e uma rede de

informações também é fundamental; uma professora de psicologia da educação certa vez nos aconselhou: mantenha uma rede de amizades e relacionamentos dentro da universidade que possam te auxiliar enquanto graduando. Creio que esse conselho serve para vida toda.

A profissão docente necessita de um aprendizado contínuo, temos que estar sempre estudando e nos aperfeiçoando. Estou me esforçando para fazer a diferença como uma futura educadora, acredito que as dificuldades vivenciadas em minha trajetória, me farão ter um olhar diferenciado para os meus alunos com mais empatia.

É preciso entender que nem todos tiveram as mesmas oportunidades, que alguns terão algumas barreiras a superar, cabe a nós compreendê-los e mais que isso, ajudá-los a se desenvolverem. Compete aos docentes perceber que uma proposta pedagógica por si só não resolve a realidade, nem sempre o ideal faz parte do mundo real, porém essa realidade pode ser transformada com nosso auxílio.

Em geral, na graduação de Letras-Português e Literatura é exposto a necessidade de ensinar literatura nas escolas desde cedo, pois ajuda na construção de vários conhecimentos, interpretação de textos, escrita, aumento de vocabulário e compreensão de mundo. É importante um ensino sistemático, gradativo, desde a educação infantil.

Acho importante ter os espaços nas escolas para bibliotecas e/ ou salas de leituras, docentes que incentivem os alunos a conhecerem os gêneros literários e a lerem e produzirem textos. Necessitamos de tempo no currículo escolar para atividades de leitura

e produção textual, não apenas gramática; também considero válido o uso de estratégias como debates, seminários, concursos de escritas, brindes e tudo mais que possam influenciar os alunos terem o gosto e afeto pela literatura.

Acredito que só depende de incentivo e boa vontade por parte dos educadores, para que muita coisa bacana possa ser feita nas unidades escolares através do ensino de literatura. Vale tentar, porque como diz o poeta: “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”.

Biografia

Elizabeth Pessanha Nogueira — Sou aluna da Faculdade de Letras — UFRJ, trabalho na Secretaria de Educação da cidade do Rio de Janeiro — SME na função de Apoio Pedagógico da Educação Especial. Durante o ensino fundamental tive acesso a coleção de crônicas “Para Gostar de Ler”, minhas crônicas favoritas eram: “Caomício no Calçadão” de José Carlos de Oliveira e “O homem Nu” de Fernando Sabino. Na graduação foi despertado em minha pessoa novamente o gosto por leituras de crônicas, e principalmente por escrever crônicas. Meus cronistas favoritos são: Luís Fernando Veríssimo, Fernando Sabino e Martha Medeiros.

Novos ares, novos tempos

Ao primeiro toque do sinal o coração acelerou as batidas, as mãos estavam geladas e o olhar assustado. Era o primeiro dia de aula no Ensino Médio de Laura e era impossível esconder a ansiedade diante da novidade desse ciclo e as inseguranças de uma adolescente. Chegou cedo, procurou a sala, não queria ficar vagando, na verdade não queria ser notada, escolheu o lugar de costume, na frente, na carteira encostada na parede. Durante os três primeiros tempos todo seguiu como esperado, nada de novo. O professor de matemática se apresentou, iniciou o ritual bem sabido de todos os anos: nome, idade, de qual escola veio e blá, blá, blá...

Sem saber o que vinha pela frente, se antecipou e perguntou à colega ao lado:

— Você tem os horários das aulas. É meu primeiro dia aqui e confesso que estou perdida.

Cecília lhe sorriu dizendo:

— Fique com este!

Dava para ouvir passos fortes que vinham do corredor, cada vez mais perto e eis que surge a professora Rosa Maria, alta e delgada, impossível não destacar a elegância. O silêncio foi interrompido com imponente

“bom dia”. Sem muita conversa, ela entregou aos alunos uma folha que na parte da frente ela apresentava o conteúdo da disciplina e no verso uma espécie de revisão. Aquela turma estava junta desde o 6º ano e Laura caiu de paraquedas na 1001 e acreditava que literatura era ler e interpretar o texto e que romance estava restrito a frase: “E todos viveram felizes para sempre”.

Rosa iniciou a aula e ao dar as boas-vindas aos alunos, e voltou seu olhar para Laura:

— Você é nova por aqui? Minha memória não falha, certamente lembraria.

— Hoje é meu primeiro dia, professora! Meu nome é Laura, estudei em outra escola.

A timidez de Laura era perceptível, sempre contida, não gostava de estar em evidência. Quando subitamente a professora pergunta como foi o ensino de literatura na antiga escola de Laura. Naquele momento, o chão se abriu! Estava na cara que ela nada tinha a dizer e mesmo que esperasse questionamentos a respeito do que foi visto durante a sua formação até aquele momento, certamente não contava que seria assim. Mal sabia Laura que aquela reação disse muito mais que poderia imaginar. Rosa seguiu.

Apesar da fama de durona, exigente e de poucos sorrisos que sempre correu pelos corredores, para além do trabalho, Rosa estava ali por amor e por acreditar que a educação é a base para transformação social. Seguida por olhares sedentos, a professora percorreu todo conteúdo visto até o momento, os alunos participaram, o que havia se perdido foi resgatado.

Cecília percebeu o quão perdida Laura estava e a tranquilizou:

— Não tenha medo de não saber, eu sei que deve ser difícil para você, mas ouse perguntar.

Laura lhe sorriu. A aula acabou. Liberados para o intervalo, antes que Laura chegasse à porta, Rosa de pronto falou:

— Laura, nós temos um grande desafio. Sei que insegurança vem, contudo ela não é maior do que você. Eu acredito em você, mas você também precisa acreditar nisso.

Um sorriso sem jeito e a gratidão que seus olhos revelaram, Laura despediu-se aliviada por saber que não caminharia sozinha.

Biografia

Sou **Gabriella Lopes Soares**. Nasci no Rio de Janeiro e vivo na Ilha do Governador. Desde o primeiro contato com o aprendizado de Língua Portuguesa na escola, foi inevitável escolher curso de Letras. Aluna da Universidade Federal do Rio de Janeiro, já atuo na área desde maio de 2021, e em março de 2022 recebi a oportunidade de trabalhar com o Ensino Fundamental I em turmas de 4º e 5º ano.

Pelas ruas da sabedoria

Tinha tudo pra não dar em nada. Mas fui estudar no turno da noite na avenida Pe. Antônio Vieira. Matriculei-me no período da noite no colégio homônimo à avenida — nome de uma célebre figura de nossa história.

A escola não fazia jus ao homenageado. Pelo contrário: por todo o colégio, um festival de fragmentos de azulejos sortidos, esmigalhavam-se pelas paredes de todo o edifício, conferindo ao lugar um quê mais carnavalesco do que solene — tinha tudo para não dar em nada.

Firmei por lá uns primeiros laços de amizade. Apesar dos pesares, a coisa funcionava: via-se o esmero no olhar cansado mas perseverante de muitos de meus professores, pois era já noite, e certamente a caminhada até aquela hora do dia não fora das mais sossegadas.

As matérias em que mais fui incentivado foram língua portuguesa, filosofia e sociologia. Meu professor de sociologia gabava-se de ter tido tantos empregos quanto conseguíssemos imaginar: taxista, carteiro, atendente de *telemarketing*, açougueiro e tantas outras. Ainda assim, era jovem e tinha gostos musicais semelhantes aos meus. A cada aula sua, era uma expectativa

quanto a qual banda estaria estampada em sua camiseta quando chegasse à sala de aula. Conversávamos como grandes amigos após suas aulas, pois, com alguns professores eu me dava mais do que bem: vim a tornar-se amigo de alguns de meus professores.

O ápice de minha vivência naquele atípico edifício fora um dever em específico que Alice, a professora de filosofia, havia demandado que fizéssemos: queria que escrevêssemos uma obra literária de teor autobiográfico. Súbito cativou-me a ideia do trabalho. Desde aquela época, os versos caíam-me das mãos aos montes e, por isso, concluí: farei um poema autobiográfico. Já me dava bem com essa professora-amiga. Assim sendo, empenhei-me na tarefa. Não demorou muito para pôr mãos à obra, fazer dos versos estrofes e das estrofes... um razoável poema.

Escreve de cá, apaga de lá, e o texto foi-me escapando da lapiseira.

À época, que sabia eu da escansão dos versos ou da primazia dos sonetos? Soubesse e teria feito um, certamente. Em vez disso, saiu-me um poema em quadras, sem muito apelar para a teoria. A razão do poema eram meus dezessete agostos, que me envelheciam, eu, filho do ébano e do alvor, e tantos outros dados mais, embelezados pela pena de algum engenho dramático — um dramalhão colorido. Na data definida, entreguei à professora de filosofia o poema, sem tanta expectativa. Já havia escrito tantos outros anteriormente. Alegrava-me o fato de que havia me preparado para um trabalho desse gênero por um bom tempo, visto que escrevia versos como *hobby*.

A entrega do trabalho pouco significara para mim como expectativa de um retorno. Os dias passaram sem tanto alarde. A semana passou. Valsaram de volta os dias, corriqueiros, como velhos conhecidos. Foi então que, passado algum tempo, chegara o dia da entrega dos trabalhos — tinha tudo para não dar em nada. Mas resultou em alguns desdobramentos.

Daquele desprezioso edifício em uma noite qualquer, a entrega de um mero trabalho de ensino médio definiu significativamente os rumos de minha vida até o presente momento. O que sucedeu foi que Alice, a professora de filosofia, elogiou meu texto para a turma. Havia gostado do poema escrito e acreditava que eu “levava jeito” para essa coisa de literatura. Tentei tirar com ela algumas dúvidas acerca de apóstrofes e escansão, no entanto, não soube responder. De uma coisa ela tinha certeza: eu gostaria de cursar Letras.

Alice tornou-se tanto minha professora que, a longo prazo, convidou-me para assistir consigo e as amigas, também professoras, a peças de teatro e questões afins. Forneceu-me aquilo que pôde, e sou agradecido até hoje por conta das ideias e oportunidades que me dera. Por conta deste tal trabalho, passei a participar de concursos literários por algum tempo (fui escolhido para dois: um no mesmo ano que comecei a enviar poemas para concorrer e outro no ano seguinte) e, de fato, acabei por ingressar no curso de Letras: português-literaturas. Sinto que devo muito àquele despreocupado trabalho que me foi requerido naquela noite, naquele tesouro escondido que me é, até então, o colégio Pe. Antônio Vieira. Tinha tudo para não dar em nada, mas cá estou eu, e digo que deu em alguma coisa — e tem valido a pena.

Hoje me sinto um tanto Alice, por encontrar-me no lugar que outrora ela ocupara quando me dera todos aqueles conselhos e apoio. Sinto que posso ser a Alice de muitos de meus alunos em minhas turmas de literatura e redação, cativando-os, comovendo-os e levando-os a crer que a educação é o mecanismo que move a sociedade para um amanhã melhor. É sempre tempo para fazer valer a pena.

Biografia:

Leonardo Lemos — Sou estudante de Letras pela UFRJ; curso português/literaturas e hoje me encontro no nono período da graduação. Minha relação com a crônica vem do primeiro contato que tive com os textos de Carlos Drummond de Andrade, e, posteriormente, as de Raul Pompeia, cujo romance *O Ateneu* é o atual objeto de minha pesquisa e tese de conclusão de curso. Sou professor de literatura e redação em turmas de pré-vestibular.

O paradoxo da xexelentíse

Recém formada em Letras-Português e Literaturas, estava a me preparar para ministrar minha primeira aula de literatura. Que tipo de professora eu serei? Como meus alunos vão me enxergar? Serei a chata? A legal? A séria? Mas o que mais me importava era que tipo de professora eu queria ser.

Assim, comecei a recordar os professores que tive ao longo da vida, principalmente os que me introduziram ao mundo literário. Dois me marcaram muito: Cláudio e Luiz Antônio.

Cláudio foi meu professor na 7ª série (para a geração Z, 8º ano). Era um homem gigante (mesmo), tinha 2 metros de altura e parecia só usar camisa tamanho P (ou, pelo menos, nele aparentava ser, pois dava para ver sua barriga cabeluda). No início, pareceu simpático. Depois, talvez pelo fato de a turma não ser fácil, ou apenas por ter sido uma empolgação inicial dele como novo professor na escola, a situação foi mudando, Cláudio foi se tornando chato. Chato não, insuportável. Além disso, as leituras passadas por ele eram chatas. Chatas não, insuportáveis.

O pior é que ele foi ficando cada vez mais chato e rabugento e, conseqüentemente, eu fui perdendo o gosto pela leitura. E parece que ele também, pois o mesmo não tinha um brilho no olhar, não passava emoção ao falar sobre a obra. A turma sentiu o mesmo.

Até que chegou o dia fatídico: tomei a iniciativa de reclamar sobre uma leitura específica passada. Falei que não havia gostado nem um pouco. Então, ele, com todo aquele ar e voz de gigante, disse com toda vontade possível, sem mais nenhuma explicação:

— Deixa de ser XEXELENTA!

A turma desatou a rir. Eu fiquei em choque. Perplexa. Sem reação. Humilhada. Segurei as lágrimas em nome do meu orgulho. Ele não merecia minhas lágrimas.

Eu não sabia ao certo o significado daquele adjetivo, só sabia que era horrível.

Xexelenta, eu? Só por que não gostei da leitura?

Esse adjetivo ecoou na minha cabeça por muito tempo. Quer dizer então que eu não posso desgostar de um livro? Leitura é assim? Não podemos desgostar? Quem desgosta é xexelento? Que chato. Não gosto mais de ler. Assim não tem risco. Minhas notas na matéria caíram junto com meu gosto pela leitura.

No ano seguinte, veio a revolução: Cláudio foi embora e tínhamos um novo professor: Luiz Antônio.

A primeira coisa que notei é que era baixinho (pelo menos comparado ao gigante feio da barriga cabeluda). Depois, descobri que, além de baixinho, ele era extremamente engraçado e divertido, do tipo que cantava e dançava em aula. Hoje em dia tenho completa noção de

que ele era gay, mas na época eu não tinha essa consciência.

A aula do Luiz era incrível. Ele tinha brilho nos olhos. Ele tinha animação. Ele estimulava a nossa criatividade. Ele amava o que fazia e conseqüentemente tinha nossa total atenção quando falava sobre livros. Uma vez passou um trabalho no qual deveríamos criar jingles, foi incrível. Eu lembro o meu até hoje.

Mas, o trabalho passado por ele que mais me marcou foi o seguinte: Ele nos passou a leitura de um livro chamado *A espera de Godot*. Como eu amava o Luiz Antônio, agora eu amava ler de novo. Então resolvi executar a tal leitura.

Eu confesso que não entendi algumas coisas. Quanta palavra difícil. Além disso, o final era revoltante! Dois personagens passaram o livro inteiro esperando um tal de Godot que nunca chega! O livro acaba sem que ele chegue! Um absurdo! Perda de tempo! Porém, eu não podia decepcionar o Luiz Antônio, eu não podia reclamar. Eu não podia ser novamente xexelenta!

Cheguei na aula extremamente confusa. Então Luiz Antonio nos passou a seguinte atividade: uma resenha crítica da obra. Peraí. Numa resenha crítica temos que resumir, e ANALISAR, com a nossa OPINIÃO! Meu Deus! Como vou falar bem disso?

Foi então que tudo aquilo que eu pensava e acreditava mudou. Luiz Antônio disse que poderíamos CRITICAR. O quê? Eu posso falar mal? Eu posso falar que não gostei? Nada mais fazia sentido. Resolvi então conversar com o mesmo. Conteí meus traumas e frustrações envolvendo não gostar de leituras e ser xexelenta. Luiz

Antônio deu uma gargalhada alta e eu fiquei ainda mais confusa.

Foi então que ele me disse:

— Mas é claro que você pode não gostar de uma leitura. Inclusive, você pode até mesmo ODIAR uma leitura.

Ao ver minha expressão de TOTAL CHOQUE, ele me passou um ensinamento que eu nunca mais esqueci:

— Minha querida, isso é a literatura. A literatura é uma representação de diversos aspectos estruturais, sociais e culturais vistos pelos olhos do escritor, e muitas vezes podemos não gostar e não concordar, pois ela causa determinados impactos e sensações no nosso imaginário que nem sempre são bons, pois podem não condizer com quem somos ou com o que acreditamos. Portanto, podemos não gostar. O que não podemos dizer é que não serviu para nada. Ela sempre serve para aprendizagem e reflexão, mesmo que seja sobre nós mesmos.

Logo depois, o mesmo ministrou uma aula sobre o romance. Entendi que o livro tinha tudo a ver com o período em que foi escrito e publicado. *A Espera do Godot* poderia ser uma metáfora da esperança, assim como a da sociedade daquele período pós Segunda Guerra Mundial, a qual esperava esperançosamente por tempos bons que nunca chegavam. De uma hora para outra, minha opinião sobre o livro mudou. Luiz me fez enxergar tudo com outros olhos. Continuei achando um pouquinho chato, mas agora entendia o valor cultural e a importância imensa daquilo. E achei incrível! Desde então, minhas leituras nunca mais foram as mesmas.

Voltando ao presente, após todas essas lembranças e reflexões, entendi o paradoxo da xexelentisse. Esse adjetivo tão feito me trouxe uma reflexão tão bonita. Quero ser Luiz Antonio.

Eu quero ser escritor e estou disposto a tomar na vida o lugar que colimei. Queimei os meus navios; deixei tudo, tudo, por essa coisa de letras. Não quero aqui fazer a minha biografia; basta, penso eu, que lhes diga que abandonei todos os caminhos, por esse das letras; e o fiz conscientemente, superiormente, sem nada de mais forte que me desviasse de qualquer outra ambição; e agora vem essa coisa de letra, esse último obstáculo, esse premente pesadelo, e que sei que hei de fazer.

Lima Barreto, *Esta minha letra*, 28/06/1911.

Biografia

Luisa Dahbar Paranhos — Estudante de Letras da UFRJ. Mineira vivendo no Rio de Janeiro, encontrei nas crônicas uma forma de expressar minhas impressões sobre o mundo ao mesmo tempo que uso e abuso da minha imaginação, que sempre foi fértil. Gosto de escrever sobre vivências próprias ao mesmo tempo que uso a criatividade e acrescento situações e perspectivas a mais. Poderia dizer que meus textos são baseados em fatos reais, mas não tão fiéis a esses fatos. Meu maior ídolo é Machado de Assis. Instagram: luisadahbar

III

Vai fazer Faculdade de Letras mesmo?

“Mas por que você decidiu querer ser professor?” Essa é a pergunta mais ouvida pelos alunos que escolheram fazer licenciatura. O que move você, estudante de licenciatura em letras, a ser professor? As crônicas reunidas neste capítulo procuram responder (tentar) a essa questão.

Literatura sem restrições

Na treta criada pelo *youtuber* Felipe Neto sobre se adolescentes devem ou não devem ler Machado de Assis nas escolas, eu torço pela treta. Sejam honestos, o cânone literário não está entre os assuntos favoritos de boa parte dos nossos adolescentes e vê-los debatendo sobre o tema, refletindo e criando argumentos contra ou a favor do *youtuber*, já deve ser enxergado como algo de grande valor. E isso serve para nós, futuros professores, também. Aquela velha história de fazer do limão uma limonada.

Lembro-me bem da manhã do dia 11 de janeiro de 2003. Era meu aniversário de dez anos e minha mãe me acordou com um abraço de parabéns e um embrulho em suas mãos. Ali estava o meu presente: o primeiro livro da saga Harry Potter. Pronto, a partir daquele dia eu fui apresentada a um mundo completamente novo pra mim. Descobri que era possível me transportar para realidades únicas e fascinantes e foi ali, certamente, que começou minha paixão pela leitura.

Outros momentos, que também me recordo bem, aconteceram em 2008. Foi o centenário da morte de Machado de Assis e eu estava no primeiro ano do ensino

médio, tinha exatamente 15 anos. Minha professora de literatura estava em êxtase, pois ocorreriam vários eventos na escola sobre o tema e ela estava empolgadíssima. Durante nossas aulas, começou pelos contos. O primeiro escolhido foi “Ideias do Canário”, logo depois “Missa do galo” e por último “A cartomante”, este, sem dúvidas, o favorito da turma. Depois nos dividiu em grupos para a próxima atividade. Cada grupo ficou responsável por um título de livro machadiano, o do meu grupo foi o “O Alienista”, e depois de todos terem lido os livros, haveria uma roda de conversa em que cada um iria expor suas impressões. Simples assim. Não teve “prova do livro”, não teve resenha, não teve questionário. A atividade era pura e simplesmente os alunos reunidos discutindo sobre o “O alienista”, “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, “Dom Casmurro” e “Quincas Borba”, sob mediação dela.

Foi ali que eu, uma adolescente que até então só lia Harry Potter, Crepúsculo e Jogos Vorazes, descobri que obras “clássicas” da nossa literatura também poderiam me proporcionar prazer. Então por que tem que ser Harry Potter ou Machado? Por que não pode ser “e”?

Acho que a discussão não deveria ser se devemos ou não levar Machado para a sala de aula, mas sim como devemos fazer isso. Como, nós, futuros professores, podemos despertar nos alunos interesse por nossas obras “clássicas”. Será que Machado de Assis, Álvares de Azevedo e Clarice Lispector chegariam até os alunos de forma espontânea? Será que se não fosse por intermédio da escola um adolescente iria até uma livraria e falaria “Me vê um “Vidas Secas” aí”?

E é aí que está, é responsabilidade da escola assegurar o direito ao acesso desses jovens a essa literatura. Primeiramente, se o adolescente não tiver acesso a essas obras, como ele vai saber se gosta ou não desse tipo de literatura? Além disso, a discussão sobre gostar ou não gostar é muito superficial para nos prendermos somente a ela, pois independente dessa subjetividade, é direito dos nossos jovens saberem quem foi Machado de Assis, eles têm o direito de saber quem foi Guimarães Rosa e Rachel de Queiroz. E isso não pode ser cerceado.

A escola não me deu o direito de saber quem foi Carolina Maria de Jesus. A primeira vez que escutei falar sobre a escritora, foi dentro da Faculdade de Letras da UFRJ. E, à medida que a professora ia falando sobre a importância de Carolina e de suas obras, eu ia me encolhendo na cadeira, constrangida, pensando “Meu Deus! Eu já não deveria saber quem foi essa mulher?”. Será que seria forçação de barra dizer que se a escola passasse a não trabalhar mais Machado de Assis, daqui a 20, 30 anos, nós teríamos jovens e adultos que nunca teriam ouvido falar num dos maiores escritores da literatura brasileira? Talvez, mas esse definitivamente é um risco que não podemos correr.

Biografia

Anne Carolyne Barbosa Brandão — Sou estudante da Faculdade de Letras da UFRJ e minha relação com as crônicas me remete às leituras dos jornais com meu pai. Posteriormente, no ensino médio, li a coletânea “As cem melhores crônicas brasileiras” e me tornei entusiasta desse gênero literário.

Meus retalhos nada de cetim

Parei de escrever poesia assim que entrei na Faculdade de Letras, estranho? Verdade! Fui questionada por um professor sobre os romances que estavam na minha estante, que deveria mudar de estilo literário para aprimorar minha bagagem acadêmica. Assim, teria que trocar Jane Austen por Walter Benjamin, Erich Auerbach, Charles-Pierre Baudelaire, por exemplo. Passei a ler menos literatura e mais textos acadêmicos. Estou enferrujada e com algumas traças na escrita, recolhendo ainda alguns dos meus retalhos pós-quimioterapia, de cetim nem os turbantes usados. Porém, isso é um assunto mais para frente.

Penso que na contemporaneidade a poesia também se faz vivenciando um fato. O poeta sai à rua para capturar momentos, fragmentos que auxiliarão na sua capacidade inventiva de criar um poema. Aqui não temos mais o poeta enclausurado, melancólico, que se esconde na escuridão do quarto esperando a inspiração. A arte contemporânea possui a poesia circunstancial, a poesia do acontecimento. Mario de Andrade, por exemplo, saía pelas ruas de Ouro Preto, em Minas Gerais, fotografando tudo. Utilizando a expressão “kodacar”, para esse

registro imediato que era feito pela câmera fotográfica. Esta tensão poeta *versus* mundo trouxe elementos diferenciados, o poeta como um observador emocionado. Como não lembrar Fláuner, um caminhante que observava a paisagem, do poeta francês Charles Baudelaire. Viu? Até que fim! Servindo-se dos livros de teoria literária para esta citação. Na verdade, como não lembrar as nossas aulas da disciplina de Questões da Literatura Brasileira, nós alunos trouxemos várias contribuições com fragmentos da infância, retirados com câmeras, ou pela mídia digital, do cotidiano infantil em seus mais diversos universos, contribuindo para o exercício da nossa escrita e oralidade.

Foi muito importante reconhecer a singularidade da criança, sem esquecer o nosso papel de professor. Perceber como podemos trabalhar com eles em diversas áreas, na fotografia, no teatro, na poesia... Afinal, há sim um fenômeno de apagamento da literatura infanto-juvenil na graduação e não podemos deixar de ter este olhar para a infância. Reconhecendo nesses *corpos* os que eles podem trazer de diferente ou singular. Afinal, a infância é celebrada por excelência como o lugar da criatividade. Ah! Acabei viajando agora para as aulas de Poesia Brasileira, as primeiras semanas de aulas oportunizaram o contato com textos poéticos da apostila intitulada *Pré-modernismo*. Esse período da literatura brasileira aconteceu anos antes da Semana da Arte Moderna, de 1922, em um momento de transição entre o simbolismo e o modernismo. Contextualizamos este movimento literário, através das obras de autores como Lima Barreto, Euclides da Cunha e Augusto dos Anjos. Nestas semanas, que trabalhamos o pré-modernismo

no Brasil, ao estudar sobre o tema revisei em minhas memórias o escritor Monteiro Lobato, que tanto contribuiu para a exploração da minha imaginação, por intermédio da boneca de pano chamada Emília. Mesmo na atualidade o Monteiro Lobato ser considerado um autor “cancelado”, não consigo esquecer como a boneca arteira, brincalhona e esperta, contribuiu para a criação de um mundo lúdico nas minhas manhãs assistindo ao *Sítio do Pica-Pau amarelo*. Sou de uma geração em que os livros deram lugar à televisão, a grandes produções de desenhos animados e programas de auditórios, mas fico feliz em saber que mesmo assim, mantive contado com bons escritores da literatura infantil. Acredito que a leitura é um dos caminhos para nos tornarmos melhores cidadãos, em um momento de intensas manifestações políticas que o Brasil está vivendo, depare-me com uma citação do já “cancelado” Monteiro Lobato “Um país se faz de homens e de livros.”

Na preparação para umas dessas aulas me vi revirando fotografias antigas e lembrando o meu passado, de como as coisas eram mais difíceis, mas como o faz de conto deixava tudo mais lúdico e colorido. Consegui sentir o aroma, o perfume da casa da minha avó e o café que ela fazia. Lembrei-me do coador de pano que tinha um cheiro horroroso, mas o café que de lá saía, esse sim era maravilhoso, hummm... cheiro de broa de milho e dos gatos da vizinha que entravam pela janela da saleta da minha avó Dezinha, era o perfume da infância junto com shampoo colorama e condicionador neutrox. Tenho as fotos “kodacadas”, meio borradas pelo tempo, algumas até parecidas com os desenhos que a borra de café produzia na pia. Memórias construídas com afetos

e alguns gritos de sai debaixo desse abacateiro menina, tu morre se cair um na sua cabeça; tu já caíste de novo? Menina desastrada vem passar doutorzinho nesse machucado... tenho todas as cicatrizes nos joelhos, mas doutorzinho sempre foi melhor do que merthiolate, sem dúvidas! Pena que ele não serve para curar o câncer.

Bem, voltando à poesia, retornando para casa esses dias, após uma consulta médica, busquei capturar as imagens pela janela do Uber e observar as pessoas nas ruas, as diferentes expressões faciais, até as roupas. Desculpa, não tem como não criar uma realidade paralela, parece que estamos vivendo em um apocalipse zumbi. Sabe aqueles filmes de distopia? Assemelha-se e muito! Não vou mentir, não tive momentos encantadores. Entretanto, ao olhar pela janela o mundo correndo lá fora, me fez sentir viva e simplesmente esse verbo “sentir” trouxe um significado fantástico a minha caminhada de volta para casa. A vida adulta além das memórias da infância e juventude trouxe-me um câncer, que passei o último ano tratando e ainda encontro-me em tratamento para evitar recidiva. Entretanto, ver o mundo lá fora, mesmo com seus problemas sociais, sua desigualdade, facilmente percebida no deslocamento geográfico, me fez sentir viva! Viva!

Tudo acontece ao mesmo tempo e não é mentira, tanto não é mentira, que os poetas modernos utilizavam o recurso da simultaneidade para uma enumeração caótica, principalmente, quando se fazia alternâncias nos poemas do que se falava e do que se pensava. A vida urbana moderna com seus estímulos provoca o poeta e nascem belas releituras. A literatura não está destituída de política, encontramos nas leituras embates sociais,

artísticos, lutas de classes, posicionamentos etc. São várias narrativas e todas são válidas. Acredito no poder mágico da escrita, de transportar o leitor para um mundo mágico, ou mesmo resgatá-lo para a realidade. Felizmente, resgatou algo em mim e quem sabe em uma próxima cena surge algum rascunho, nem que seja das paisagens vista da janela de um Uber.

Biografia

Sou **Beatriz Vilela Marinho**, natural do Rio de Janeiro, 19 de junho de 1982. Sou fisioterapeuta, pós-graduada em acupuntura. Exerço a profissão desde 2006. Porém, sempre foi um desejo ingressar na Faculdade de Letras. Sempre fui apaixonada por literatura. Lembro-me sempre de livro didático na infância, tinha na primeira página a canção “Aquarela” (1983), letra composta por Toquinho e Vinicius de Moraes. O personagem que coloria o mundo imaginário causava fascínio. Depois, veio à adolescência e com ela os livros de romance, eu queria entrar neste universo, estudar as várias formas de se entender à literatura. Assim, decidi em 2015 prestar o ENEM e enfrentar mais uma vez a universidade. A princípio, como um hobby, então, no dia 04 de abril de 2016, o ambiente universitário mais especificamente o prédio de Letras da UFRJ, iniciou a minha jornada acadêmica neste novo mundo. Comecei a enxergar um futuro como professora e a desejar superar cada dia mais as lacunas entre os dois campos de saberes tão distintos, a saúde e a educação. Contudo, ambos fundamentais para a vida. Aqui estou pronta para encerrar mais um ciclo e iniciar uma nova caminhada. Site: <https://www.instagram.com/biiavilela/>

Prosas e recordações

Há quem diga que os pais influenciam seus filhos pelo hábito da leitura, posto que os filhos neles se espelham, adquirindo seus costumes. Outros afirmam que cabe à escola fomentar o interesse por meio do professor de literatura. Mas, o que é literatura? O que percebo, e daí trago tão somente o que vivenciei enquanto estudante alguns anos atrás, é que não existe um diálogo sobre a leitura. Fragmentos, capítulos e livros são impostos; e tudo o que você tem que fazer é ler, ainda que nada daquilo lhe diga algo. Não quero nem de longe propor uma ruptura com a ementa escolar, abdicar das escolas literárias, muito menos atear fogo nos ditos clássicos. Queria, sim, ter tido a chance de conversar sobre a tal criatura, a literatura, com os meus professores. Queria ter experienciado uma aula em que me fosse proposto debater *Dom Casmurro* linkando o mote central com a realidade de hoje, por exemplo, uma discussão sobre até que ponto o machismo travestido de opinião ratificou Capitu como a grande traidora e isentou Bentinho enquanto um homem inseguro e paranoico. Ou ainda a possibilidade de compreender homoafetiva a relação entre Bentinho e Escobar, cujo excesso de carinho e

zelo despertava a atenção até mesmo dos padres quando no seminário estavam. Eu bem me lembro quando Ana Lúcia e eu levantamos a última hipótese e fomos incinerados pela professora que, além de absurda, afirmou ser leviana e imoral a nossa interpretação. “Uma chacota com Machado!” Ui, rs. A única análise correta era a dela, e a nossa participação na aula foi reduzida a especular se houve ou não traição da insinuante mulher. É difícil se interessar quando tudo o que você tem que fazer é concordar. Isso me limitou e me colocou num lugar impotente, como mero espectador, como se eu fosse incapaz de ter minhas próprias reflexões e me fez antipatizar com a matéria (e com a professora, é claro). Como docente em formação, hoje entendo que quando o aluno ascende à voz pensante, desocupando o espaço do aprendiz, enriquece o processo de aprendizagem porque abre portas para uma relação mais horizontal, em que todos podem contribuir com suas percepções, sem juízo de valor e diferenciação hierárquica. A pluralidade de opiniões sempre será o melhor caminho. O assunto abordado ganha em expansão, e o interesse do aluno cresce ao compreender-se parte do processo.

Um fato que chama muita atenção é a ausência da literatura infantojuvenil e publicações recentes. Lembro de alguns lampejos sobre Monteiro Lobato (sem a devida problematização racista de seu texto) e nada mais. Enquanto aluno, sentia-me em uma queda livre pelo alçapão das atribuições escolares rumo a me espatifar na dureza dos enredos de todos aqueles livros marcados pela lentidão dos acontecimentos frente aos romances atuais e pela quantidade significativa de palavras já em desuso, forçando a interrupção a todo instante para

conferir o *Aurélio*. Ainda no combo das ausências, é válido ressaltar a inexistência de obras contemporâneas do tipo AGORA. O livro mais recente era da década de 1970, e eu era um aborrescente no início dos anos 2000. Era como se as produções literárias mais recentes não existissem, o conceito de contemporâneo soava atrasado porque não existia um frescor. A invisibilidade de novos autores ultrapassa o conteúdo programático, pois eles não foram sugeridos como lado B da disciplina nem mesmo como um “Confere esse cara aí, vale a pena”. Um romance assinado por um autor que comunga da mesma raiz periférica dos alunos propiciaria o interesse pela literatura; os figurantes de *O sol na cabeça* são mais apegados ao que a vida dos alunos de uma escola pública periférica impõe. Eu não tive um Giovanni Martins para ler, e a representatividade racial e socioeconômica é um chamariz que eu não tive a chance de me deixar fisgar. A falta de representação afugenta o aluno, que encara a disciplina como tarefa obrigatória, inviabilizando o prazer na leitura. Seguindo nesse caminho, não formaremos novos leitores. E o novo leitor que quero forjar é um leitor que tenha em mente que não há alta nem baixa literatura, mas, sim, interesses, e que toda opinião é bem-vinda desde que pertinente à obra abordada. Enquanto futuro professor de literatura assumo o compromisso/desafio de contextualizar histórias antigas e inserir novas narrativas (também propostas pelos alunos) e disseminar a literatura enquanto arte acessível, objeto de estudo e também de prazer, excluindo a alcunha de objeto restrito, apropriado pela pseudoelite intelectual brasileira, que coloca determinados gêneros/autores num pedestal inatingível enquanto os demais são trata-

dos como resto — oferecendo em suntuosa bandeja o puro suco do elitismo acadêmico que também se reflete nas salas de aula dos ensinos médio e fundamental. A flagrante ojeriza ao popular funciona como mola propulsora para ego daqueles que se julgam detentores de todo o conhecimento da ciência da literatura e não têm a intenção de se despir dos preconceitos. É preciso pô-los nus.

Biografia

Bruno Dutra Rocha — Filho de Iemanjá. Carioca, ariano e salgueirense. Acredito no poder da educação enquanto força motriz para conduzir a sociedade brasileira a um futuro equânime. Tenho a certeza de que o feitiço das palavras altera trajetórias, forja sujeitos. Enquanto docente, me proponho a ser objeto edificante e também ser edificado por meio da troca sincera com os alunos. A crônica me encantou, dentre outros motivos, por abordar situações cotidianas; e eu tenho apreço pelo factual. A brisa que sopra no rosto o afaço quando voamos sobre a realidade refresca a alma de quem suou gotas não lúdicas num verão infernal. Apaixonado por Literatura Africana em Língua Portuguesa. E aluno de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro

O passado em um dia de verão

Era mais um dia de verão no confinamento, com o bafo quente do ventilador e a obra do vizinho martelando na parede da minha agonia. Após horas de trabalho, minhas costas doíam no improvisado do *home office* forçado pela pandemia. Nada favorecia o estudo pós-expediente e a tarefa que me esperava, ler um conto longo para a disciplina nova, Ficção Africana.

Mas, eu precisava continuar. A inconclusão da licenciatura em Letras se arrastava por anos adiados... Os dias gastaram o desejo de ser professora e a necessidade prática do diploma se impôs, ter um emprego melhor para quem sabe comprar uma casa espaçosa, com vento e claridade entrando pelas janelas. Mas, algo invadiu meu pequeno quarto enquanto lia o conto “Nós matamos o cão tihoso!”, de Luís Bernardo Honwana.

O título desvendava a narrativa: o cão tihoso morreria. O cão deveria ser morto porque todos tinham nojo de suas feridas penduradas. Menos o Ginho e a Isaura. O menino olhava nos olhos grandes do bicho, “a olhar como uma pessoa a pedir qualquer coisa sem querer dizer” e entendia o amor nos olhos de Isaura sempre a cuidar do cão tihoso.

De repente, senti os olhares das personagens capturarem o meu para uma imagem do passado. Era verão de 88, eu acho, não tinha mais que 4 anos é certo, o sol escaldando o beco, tão forte que minha vó não me deixava sair. Mas a casa estava abafada e eu queria ver a rua. Miudinha, levantei os pés para me pendurar no portão. E vi. Um jovem com buracos de tiro nos pés, sendo arrastado para a morte por dois homens armados. O rosto contorcido de medo. Seus pés iam deixando um rio muito vermelho no chão branco de meio dia. Ele me olhou, “como uma pessoa a pedir qualquer coisa sem querer dizer”. A vó correu para me tirar do portão, mas eu já tinha visto.

Essa é minha primeira lembrança da violência, brutal assim pertinho de mim. Persistiu, por anos, em meus sonhos. Mas, com o tempo esqueci. Até a leitura do conto me lembrar. “Nós matamos o cão tihoso!” me guiou a um canto escuro da memória, lá onde estava a dor que nunca tive palavras para dizer. A leitura verbalizou a ferida escondida e me deu voz para narrar meu passado.

Hoje, alguns meses depois, preciso concluir esse texto para outra disciplina da faculdade. Escrevo pensando em como ser professora de crianças e jovens imersos em uma realidade do Rio de Janeiro, sem nunca terem tido a oportunidade de conhecer a Isaura, o Ginho e o cão tihoso. Estou no mesmo quarto, neste 2021 ainda assolado pela Covid-19, mas a alegria da rua já ecoa pela casa. Abro o portão para ver a brincadeira e sinto uma enorme claridade percorrer meu corpo. Olho para o chão e uma bola de gude reflete a luz do sol em meus olhos. Sinto uma espécie de vertigem ao perceber

que a bolinha avança pelo caminho que um dia foi do sangue. O menino me desperta gritando: “eu ganhei!, eu ganhei!”. Sorrio, abraçada pelo sonho renovado.

Biografia

Fernanda Bello — Sobre mim: Sou cria e moradora da favela de Acari, zona norte do Rio de Janeiro. Amo o meu lugar e a alegria do seu céu de pipas. Minha religião é o mar e a Literatura o traz para pertinho. Nas palavras, o gosto de sal e um livro se abre para o azul. E acho que foi esse o fluxo da escrita da crônica, *um desaguar de mim. Agora, só quero ser onda, sendo professora.*

Lobato e a literatura racista

Num desses domingos tediosos, entro no *Twitter* para passar o tempo e vejo uma grande discussão sobre o escritor Monteiro Lobato e sua obra. A hashtag #MonteiroLobatoRacista estava em alta nos *trending topics*, ou seja, estava todo mundo falando de literatura e racismo. Que bom, não é?

A história, acredito, ganhou espaço na academia nos últimos anos devido ao fato de a juventude negra ter passado a circular mais pelos corredores das faculdades brasileiras, trazendo suas vivências e concepções de mundo críticas para as aulas. Nas áreas das ciências humanas e sociais, das artes e da linguagem, esses jovens encontraram um campo fértil — e às vezes pedregoso — para refletir sobre suas próprias questões e balançar algumas estruturas de poder na academia. Uma dessas estruturas está relacionada ao cânone literário brasileiro, composto em sua maioria por homens brancos de classe média alta do eixo Rio-São Paulo. Assim, estudantes, principalmente, e alguns professores levantaram suas vozes para questionar a abordagem racista que o escritor Monteiro Lobato, incluído nesse cânone, se valia para descrever personagens negras, refletir sobre

como o racismo explícito afetaria as crianças e adolescentes negros que fossem apresentados a essa obra tão problemática nos dias atuais e buscar outros autores que pudessem ocupar esse lugar que o autor ocupa para a literatura infantojuvenil e folclórica brasileira.

Em um segundo movimento, no qual nos encontramos, a questão Lobato começou a ser pautada com frequência na internet e, a partir disso, vem ganhando cada vez mais espaço também nas salas de aula do país — mesmo que muitos professores de literatura sequer abordem o escritor em suas aulas. Digo isso porque nunca li Monteiro Lobato na escola. Na verdade, o que eu conheço de sua obra me foi apresentado pela TV Globo em uma das adaptações do Sítio do Pica-Pau Amarelo (2001) para a televisão. Reitero: versão adaptada. A obra de Lobato que conheci não continha o racismo desvelado do autor e ousou dizer que boa parte das pessoas que o defendem com unhas e dentes nunca leram os terríveis termos utilizados para descrever Tia Anastácia em *Reinações de Narizinho*.

O escritor é reconhecidamente o maior nome da literatura infantojuvenil e influenciou uma geração de escritores brasileiros como Ana Maria Machado, Ziraldo, Lygia Bojunga e tantos outros. Ele foi o precursor de um modo específico de se falar com as crianças que fundou uma nova fase da literatura infantil. Mas, afinal de contas, qual é então o grande problema da obra de Monteiro Lobato?

Segundo o escritor, roteirista e podcaster Alê Santos, Lobato não era “apenas um reproduzidor involuntário do racismo, ele era um ativista das teorias sobre inferioridade racial, degeneracionismo e eugenia.” O jovem

escritor usa como argumento o livro adulto de ficção científica “O Presidente Negro”, de Lobato. Nesse livro, após um negro assumir a presidência dos Estados Unidos da América, os homens brancos e as feministas extremistas brancas se unem em um plano para esterilizar os negros e tomar a presidência. Além disso, ainda segundo Alê Santos, “Monteiro Lobato editou e publicou obras de eugenistas em sua própria editora, apoiou o plano de esterilização de negros de Renato Kehl e foi um dos maiores propagadores do racismo científico no Brasil”. Nesse sentido, Lobato deve ser lembrado não só como um grande escritor, mas também como um dos grandes racistas da história do Brasil.

Com tudo isso, a família de Monteiro Lobato passou a promover a reedição de suas obras reformulando termos racistas para mantê-lo em evidência num país em constante transformação. O que é criticado por algumas pessoas que acreditam que outros autores — comprometidos com uma educação antirracista — podem ser lidos por nossas crianças e jovens. Um outro movimento, de algumas editoras, propõe a criação de notas explicativas nos livros, mantendo o conteúdo na íntegra, e também existe um movimento que acredita que as obras devem ser publicadas do jeito que foram escritas, sem adaptações ou notas, a fim de não apagar o passado racista da literatura brasileira e, nesse processo, caberia a mediação da escola e de nós, professores.

Como futuro professor de português e literatura, considero essa última proposta bastante válida. Não devemos esquecer o passado, muito menos nos apegar a ele. É preciso que o autor seja lembrado pelo racismo que defendia, mas também é preciso ter cuidado com

a maneira que esses assuntos são lidos dentro de sala de aula, pois eles podem afetar alunos e alunas negras com palavras tão ofensivas e degradantes. Assim, acredito que os professores de literatura necessitam ter um maior contato com a vasta produção de saberes artísticos e científicos antirracistas que há no Brasil e que isso os estimule a ter uma prática pedagógica comprometida com essas questões. Os livros poderiam, por exemplo, ser estudados apenas nos anos finais do ensino básico para que os jovens — mais maduros emocionalmente que as crianças — tenham uma formação literária crítica e busquem superar esse racismo olhando, analisando e reescrevendo suas próprias histórias e trajetórias.

Biografia

Guilherme Vieira da Silva Aguiar — Sou aluno do curso de Licenciatura em Letras: Português-Literaturas da UFRJ. Desde muito pequeno minha mãe lia para mim e acredito que, por isso, criei uma forte relação com a leitura. Quando passei a ler por conta própria, as histórias em quadrinhos da Turma da Mônica foram minhas fiéis companheiras. Hoje, meus autores favoritos são Caio Fernando Abreu e Mário de Andrade, grandes contistas e cronistas de suas gerações. E-mail: guilhermevsaguiar@gmail.com.

Deixa queimar

Devia ser umas quatro e pouco da tarde, num sábado. Tava indo pro curso até cedo, nem tava lotado, rolou até de sentar e dar uma adiantada na leitura. Foi chegando na estação que senti, ainda no subsolo, o cheiro. Coisa de botar o pé fora da estação e confirmar: borracha queimada, madeira também. Devia ser algum lixo pegando fogo, mas estranhei por causa do lugar. Tirei o fone do bolso. Subi, continuei pela Santo Amaro, só parei quando percebi um movimento estranho na pista do meio. Tudo cinza. Geral parado na calçada, só de butuca na cena. Um bando de cartaz, um coro forte, faixas e mais faixas, uma bagunça que eu não esperava na avenida. Parecia até o Rio. Aquele bonecão imenso que, no fundo, me parecia uma alegoria carnavalesca, estava bem ali, em chamas. Entre os sussurros abafados pelas máscaras e os olhares tortos pelos cantos, confirmei com a cabeça a desaprovação coletiva dos que assistiam pela mira da câmera, mais preocupados em espalhar a notícia do que qualquer outra coisa.

A cena era de filme, mas o cheiro devolvia a realidade: a borracha queimada falava mais alto, o fogo tomava tudo, envolvendo o boneco, lembro disso muito

bem. O grupo carregava uma faixa enorme. Revolução periférica. Fiquei ali por algum tempo, butucando também.

Olhei o relógio marcando meu atraso e tomei meu rumo com aquela imagem, o cheiro me revirando a memória. Até que achava bonito os detalhes, reparei algumas vezes, via o sol batendo no fim da tarde, e sabia que era ponto de referência, agora toda acinzentada — ficou até mais bonita, na boa. Pensei no artista. Deve ter ficado muito pê da vida!

Na segunda, levei minha inquietação do final de semana pra aula. Disse pra professora o que rolou com o monumento lá, queimando feito brasa. Ela, gentil como sempre, tirou do *slide*, fomos ler as notícias. Fomos pelo *Google* mesmo: de matéria em matéria, o assunto foi rendendo e custando pra acabar. Um emendava o outro, altas histórias. Que se tratava de uma homenagem, isso eu sabia. A minha surpresa foi descobrir que o sujeito lá fez muita fortuna usando minha gente pra trabalho escravo. Vimos também que o cara era genro de um dos maiores bandeirantes escravagistas que pisou nesse lugar bem aqui, Fernão Dias, o nome. Pra terminar, vimos a estátua enorme de um outro bandeirante de nome pouco conhecido, mas de feito histórico: Domingos Jorge Velho, aquele que incendiou Palmares. Todas em praças públicas, museus, vias urbanas. Que dia! Saí da aula com a certeza de que *dar nomes aos bois* nunca tinha feito tanto sentido. E pensar que tem estação de metrô, escola infantil, a bendita da estátua e até mercado com o nome do cara. Ali, tudo muito próximo. No mesmo bairro.

Toda essa coisa com nome me lembrou que aqui também, disseram os professores num aulão outro dia,

era território tupinambá. A galera se juntou pra falar sobre a região. Aqui se falava a Língua Geral, originária do tupi, língua indígena. Era muito falada mesmo, fizeram até dicionário pra ela. Virou língua oficial. Foi aquele cara lá de Portugal, o Marquês de Pombal, que proibiu o uso dela aqui. Estabeleceu que apenas o português deveria ser língua oficial, perseguindo muita gente e todo o legado cultural da língua. O cara aportuguesou tudo à força. No final das contas, depois dessa aula, o pobre do Policarpo nem me pareceu tão louco assim.

Dia desses outro monumento amanheceu em chamas, dessa vez lá no Rio. Logo de manhã já estava nos *trends* do Twitter. Dessa vez foi Cabral, o cara que disse que descobriu o Brasil. Era uma quarta-feira. A mensagem era contra o Marco Temporal. A notícia ferveu também lá no grupo da família. Acabei o café em dois goles, me atrasei nesse dia. Depois da notícia, não sei se por ironia ou por algoritmo, a trilha sonora do busão foi por conta da Mc Carol de Niterói dando aquele papo. Antes deixasse coberto mesmo, né?

Olha, sinceramente, deixa queimar.

Biografia

Ingrid Santos Ciodaro — Sou graduanda de Letras — Português/Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. O que primeiro despertou meu interesse pela leitura foi o contato com gibis (Turma da Mônica, Sesinho etc) ainda criança. Lia sem parar. Ganhava de presente dos amigos da minha mãe, já que os filhos já não liam mais. Logo depois, um pouco mais velha, conheci crônicas pela coletânea *Para gostar de ler* que tenho até hoje. Depois fui para romances, contos e outros gêneros. A cronista que mais acompanho ultimamente é a Cidinha da Silva. Escrevo desde criança, mas fica tudo guardado no fundo do baú — e agora no computador. Meu instagram: @ingridciodaro

Reflexões no escritório

— Jacque, manda um e-mail com os contratos para a secretaria de saúde, por favor.

— Sim.

Seguem os anexos ou seguem anexos? Seguem os contratos? Sempre achei essa palavra “segue” feia, mas aprendi depois de um tempo trabalhando como “a moça do escritório” que as três formas estão corretas e o importante é que haja concordância entre o sujeito gramatical e o verbo. Foi nessa que, não sei porque, fui meter a fazer Faculdade de Letras.

Não... não foi sem querer. Eu sabia que tinha uma inclinação para ser professora. Graça Berte, minha professora de história do oitavo ano, já dizia: “você será minha colega de profissão”. Verdade. Ela só errou a disciplina. História era fácil demais. E também não sabia que a vida iria me levar para UFRJ e muito menos para letras.

Isso é tudo culpa do Arthur que me convenceu a fazer uma segunda graduação! Por que a gente leva tão a sério os conselhos que recebemos? Não... não é culpa do Arthur é culpa do Victor. Calma gente, vou explicar!

Lá em dois mil e alguma coisa, quando a novela da Globo era boa e a camisa da seleção não era roupa

de pato, Victor era o melhor aluno da escola. Ganhava todos os concursos de redação e era o melhor aluno em português. E o pior em história. A melhor em história era eu :) que também era a pior em português. A professora de português gostava de propor umas redações para aumentar a nota de quem era péssimo em gramática e eu costumava pedir ao Victor para ler os meus contos. Sim, não gostava de gramática, mas adorava escrever contos, habilidade que perdi completamente mesmo fazendo Faculdade de Letras. Victor, que era metido a culto, não queria deixar barato essa história de eu querer escrever melhor que ele, vivia falando que o meu digníssimo livro Harry Potter era modinha estúpida e andava pelos quatro cantos com um livro chamado “Comédias para se ler na escola”. Já que esse livro era tão bom assim, o peguei emprestado em troca de algumas aulas de reforço em história. Depois eu peguei “Cristiane F”, “Os miseráveis”, “O crime do Padre Amaro”, o livro do Jô Soares (que está comigo emprestado até hoje) e agora estou eu aqui em frente a tela do computador do escritório e ontem fui desafiada a escrever uma crônica, que me levou a pensar no passado e que me fez refletir sobre o porquê de querer fazer letras e a resposta é: porque eu era muito ruim em português, mas era boa em história e em literatura no ensino médio graças a esse empurrãozinho do meu colega metido a culto.

Eu sei que você imaginou que a resposta seria “por amor”, mas não foi bem assim. Foi pelo desafio mesmo. Não sou de áries, mas a decisão de iniciar este curso partiu da vontade de alimentar a mente contra uma vida alienante do trabalho no centro da cidade, da vontade de aprender a fundo esse negócio de orações subordi-

nadas e coordenadas sindéticas e assindéticas e de ensinar às criaturas que hoje escutam MC Poze a entender esse negócio e também saber que está tudo bem você ler aquele livro estúpido.

Opa! Alguém me chamou aqui. Vou ter que parar minhas reflexões. Isso que dá escrever crônica no computador do escritório...

Biografia

J. S. Souza — Sou aluna da Faculdade de Letras da UFRJ do curso noturno e a “garota do escritório” durante o dia. A crônica foi o gênero responsável por me apresentar autores como Luís Fernando Veríssimo, Lima Barreto e João Ubaldo Ribeiro ainda na educação básica. Atualmente, gosto de ler crônicas de escritores do Facebook e penso em retomar o hábito de escrever contos antes de terminar a faculdade, afinal, se a realidade é sofrível, só resta rir dela. Instagram: jssouza05

“A magia das letras”

Despertar o interesse de alguém para a leitura parece uma atividade difícil e ao mesmo tempo prazerosa. Lembro dos momentos iniciais dos estudos, a dificuldade em identificar as letras e, mais tarde, juntar para a formação das sílabas: b com a faz ba, b com e faz be e assim sucessivamente até juntar todas as consoantes com as vogais. Foi assim o processo de aprendizagem das primeiras palavras no longínquo sertão nordestino. A transmissão do saber se deu através da filha do fazendeiro, já que na época, a região não tinha escola pública ficando o ensino a cargo da boa vontade dos grandes proprietários de terra que disponibilizam um espaço e uma das filhas para alfabetizar as crianças dos pequenos agricultores em volta da terra. Aos que não atendiam a expectativa ou fugiam dos padrões estabelecidos pela professora restava o castigo que vinha em forma de palmatória ou ficar de joelho, voltado para a parede, durante um determinado tempo servindo de exemplo às outras.

Diferente do ensino praticado nas cidades grandes como o Rio de Janeiro. Chegando com a família nos anos 70 em busca de uma vida melhor e matriculado em uma

escola pública para cursar os primeiros anos do curso primário, como era chamado as séries iniciais do atual ensino fundamental. A leitura se fez presente com a cartilha cujos personagens são a Talita, a Dada e a Fada. E com eles se desenrolava a alfabetização e a consolidação do processo. E, como um encanto, as letras mais uma vez se juntavam em uma harmonia celestial, formando palavras, frases, histórias, vidas, aproximando mundos distantes, diferentes, confundindo o real ao imaginário. Já era possível identificar a plaquinha da padaria, o preço da verdura da feira, o destino do ônibus que passa na rua, a leitura do gibi da Mônica e do Saci Pererê. Enfim encantar os pais e os avós com a leitura dos nomes que apareciam na televisão ou o trecho da bíblia da missa de domingo, um prazer imensurável, tanto para quem fazia a leitura como para o ouvinte, emocionado, comentava com os próximos “é a minha criança” e deixa a emoção tomar conta da alma.

A fantasia que surge a partir da junção das letras provoca uma revolução de mundo semeando possibilidades inimagináveis e o que mais impressiona é alimentar sonhos em que a vida parece esquecer, como grande parte de pequenos brasileiros em situação de miséria e espalhados no imenso território de nosso país. Garantir o direito de sonhar é uma tarefa que os educadores têm como missão e toda vez que se cria a possibilidade de junção de letras formando palavras, alimenta a possibilidade de mudança futura dando voz e vez aos esquecidos.

Numa fase posterior, já no ginásio, nos últimos três anos do atual ensino fundamental, as leituras se tornaram mais diversificadas com a apresentação das crôni-

cas de diversos autores brasileiros reunidos numa coleção de livros chamada “Para Gostar de Ler”. As crônicas selecionadas abordavam vários assuntos e despertavam grande interesse nos alunos. Geralmente cada livro apresentava quatro autores diferentes. Hoje o que ficou na memória são os nomes dos autores: Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos, e Fernando Sabino com a crônica “O Homem Nu”. As demais lembranças ficaram para trás, assim como ficou as lembranças dos professores, dos amigos, dos dias bons, dos dias ruins, do aluno patrulheiro que fora escolhido para manter a “ordem e a disciplina” no espaço escolar em época marcada pela observância da lei do regime militar.

Foram duas realidades, dois mundos diferentes num país de dimensão continental. Nos faz pensar como despertar o leitor numa diversidade de cultura tão rica. Os povos que habitam a Amazônia têm aspectos culturais distintos dos habitantes do sudeste e provavelmente o objeto da leitura são de gostos diferenciados.

O gosto pela leitura deve ser despertado no primeiro momento da alfabetização e ser alimentado durante toda a permanência do aluno em sala de aula. A magia dos primeiros nomes a serem pronunciado não deve ficar restrito a um período remoto. Ensinar a leitura e a prática da leitura não deve ser uma imposição como alguns e com boas intenções costumam agir e sim uma forma de estabelecer um elo entre o momento mágico inicial e o presente. Mantendo a chama acesa, como a tocha olímpica que nunca apaga, é uma tarefa necessária. E o mistério é saber como fazer a chama não apagar. Na minha experiência escolar passei por fases em que houve o apagamento total e outros em que

um filete, apenas um filete permanecia aceso. Os momentos de apagamento foram aqueles em que se buscava de toda forma a decoração das regras gramaticais provocando o afastamento da matéria em detrimento de matemática e assemelhado. A forma de transmitir o conhecimento faz toda a diferença. Muitas vezes a aula de cálculos se tornava mais interessante que a aula de português, chegando ao ponto que procurava obter a nota máxima nos primeiros bimestres simplesmente para ficar livre da matéria. E foi assim durante boa parte do ensino fundamental em que os professores de matemática e de ciências sociais se tornaram meus amigos. O professor de ciências sociais revolucionou a escola, provocando uma grande agitação dos alunos em torna das gincanas que ocorreram durante a segunda parte do ensino fundamental. Já o professor de matemática trazia para a sala de aula, coisas do nosso cotidiano atraindo a atenção de forma singular para uma aula que deveria ser massificante. A apatia das aulas de português gerava o distanciamento dos alunos e o apagamento da chama inicial dos primeiros momentos. Salvo o momento das crônicas, com a chegada de novo professor, a abordagem da matéria ganhou um novo foco, tendo destaque também a gramática que passou a ser praticada com menos agressividade e mais interatividade.

Devemos pensar sempre na tocha olímpica que atravessa continentes e temperaturas diversas mas nunca apaga totalmente. Temos dentro de nós a magia de que um dia pegarmos uma consoante e juntamos com uma vogal provocando um som que já conhecíamos mas que não estava em nossa visão e achamos maravilhoso. Descobrimos palavras, histórias e novos mundos. A res-

ponsabilidade da manutenção da chama cabe a todos e a escola tem um papel fundamental no processo já que é a primeira a criar condições para a existência da chama.

Biografia

José Nivaldo Sena — Aluno de letras da UFRJ. No ensino fundamental despertou o interesse pela leitura de crônicas e entre os autores estudados destacaram Fenando Sabino, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade. Já no ensino médio, a leitura destinava-se exclusivamente a textos técnicos que deveriam ser analisados à luz da gramática como o texto “Motor a combustão” que servia de base para o estudo morfossintaxe.

Calada Voz

Segundo Immanuel Kant, “o homem é aquilo que a educação faz dele”. A experiência docente tem sido curiosa ao longo de minha ainda recente trajetória em sala de aula. Enquanto professor de redação, constantemente troco aquelas saudáveis histórias pelas salas dos professores, enquanto aproveito e busco dicas para utilizar com meus alunos, decididos a um único objetivo em seu último ano letivo: atingir a nota máxima da redação do Exame Nacional do Ensino Médio. Enquanto discuto as diversas possibilidades de argumentação, as solicitações são sempre similares: “professor, por favor, usa o quadro para criar uma tabela de referências interdisciplinares”. E a célebre frase do filósofo Kant é quase parte intrínseca dentre os elementos que compõem a competência III: Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista. A citação, segundo meus colegas docentes, se encaixa em qualquer tema. Saúde pública? Kant é uma ótima referência. Intolerância? Basta usar “o homem é o lobo do homem”; nem é preciso saber quem foi Thomas Hobbes. É só citá-lo.

O modelo “caveirão” (uma dissertação argumentativa padrão, estimulando os alunos a, em todas as produções textuais, repetirem as referências interdisciplinares, os tópicos frasais, as propostas de intervenção e os conectivos, não importa qual seja o tema), embora polêmico, ainda é obsessivamente buscado pelos alunos. É claro que muitos professores, vergonhosamente, não admitem propagar o discurso “se usarem esse modelo, o mil é certo”. Mas eu sei que tal metodologia existe. E até funciona. Se o objetivo do discente é alcançar a nota máxima no maior vestibular do nosso país seguindo uma lógica argumentativa semelhante há anos, o “caveirão” existe justamente para cumprir essa missão. E, às vezes, eu não culpo o professor. Trabalhamos em uma empresa. E ela defende a ideia de que, não importa as dificuldades, o foco é no aluno. O que pode ser convertido em: se o professor não dançar conforme a música de seus alunos — sobretudo dos pais de seus alunos —, talvez ele não consiga mais levar comida à sua mesa em alguns meses. A cada fim de semestre, somos avaliados por nossos discentes. Durante uma semana, eles dão uma nota à nossa aula, seguindo alguns critérios. Essa avaliação costuma ocorrer em junho e em novembro. Nem questionamos essa organização, pois os discursos em reuniões sempre defendem que precisamos estar o tempo todo atualizados sobre o que deve ou não funcionar em sala de aula. E ninguém melhor do que o próprio aluno para ser o lume das nossas respostas. Então, ele já está acostumado, enquanto o prazo para o envio das notas ocorrer, a receber alguns presentes — claro, a intenção do professor é tornar o ambiente de ensino mais agradável —, a ganhar pizzas, refrigerantes,

filmes. É uma coincidência, não é? Certa vez, na sala dos professores, uma colega fez o seguinte alerta: “cuidado, estamos sendo avaliados nessa semana. Não deixei uma aluna usar o celular, e ela me questionou: ‘professora, a senhora não vai nos deixar usar celular? Estamos avaliando vocês’”. Na verdade, não houve um questionamento. Houve uma ameaça. E os alunos sabem o poder que essa nota tem. O nosso futuro na empresa depende deles. “Nós pagamos o seu salário”, infelizmente, não é apenas uma frase óbvia em narrativas cinematográficas quando estamos falando sobre ensino privado. É um pensamento real.

Eu, enquanto professor, sou apaixonado pela sala de aula. No entanto, de certa maneira, me sinto preso a um enredo retirado de alguma distopia. Em 2021, em meio ao ensino híbrido, propus uma dinâmica em que eu apontava nomes de personalidades, dentre eles Eminem, Cristiano Ronaldo, Neymar e... Anitta. Os alunos deveriam apontar adjetivos que representassem cada uma dessas figuras públicas. Jogador de futebol é um cânone. É o modelo masculino máximo. Um mestre. Uma lenda. Mas, quando falamos de uma mulher empreendedora, que aprendeu vários idiomas, dona de si, que construiu um império em poucos anos, com muito trabalho, e impactou a cultura pop, o termo “vulgar” foi o que mais ouvi. Machismo? Eu acredito que sim — e também acho que meus alunos acreditam nisso. Mas, entre assumir um machismo e questioná-lo, há uma linha tênue. E eu o fiz. Questionei. Dias depois, fui ameaçado. “Professor, entendo que sua intenção foi ótima, mas uma mãe assistiu à sua aula e exigiu que as opiniões de seu filho não sejam postas em evidência. Pedimos

que evite pautas polêmicas em sala de aula. Caso contrário, ela assistirá às suas aulas toda semana”. Todas as minhas ideias planejadas para um ano inteiro foram por água abaixo? Eu não poderia mais promover o respeito às diferenças, debates, desconstruções, reflexões? Seria cômodo e, confesso, não tão corajoso levar à minha aula uma atmosfera robótica, ignorando o conservadorismo.

Esperei algumas semanas. Além de professor de Redação e Literatura, sou encarregado, desde 2020, a ministrar uma disciplina dedicada a explorar o lado socioemocional dos meus discentes. O mais curioso das dinâmicas é que elas não permitem justamente aquilo que foi questionado: quaisquer tipos de preconceito. Aprender a lidar com as diferenças é o que se espera. Quando eu e minha mãe tivemos uma longa — e madura — conversa sobre quem eu realmente era, em 2016, nos abraçamos e choramos juntos por algumas horas. Me sinto dotado de um grande privilégio, pois recebi apoio, desde o início, da minha família. No entanto, minha mãe desenvolveu Síndrome do Pânico. Por um certo tempo, achei que a culpa pudesse ser minha, mesmo que ela deixasse evidente que não. Mas, sem dúvidas, a preocupação que minha mãe nutria pelo medo de eu não voltar a salvo para casa — é inquestionável que somos uma sociedade homofóbica — era exatamente o que me motivava a usar minha voz para o bem, principalmente para as novas gerações. Não importava a tentativa de silenciamento; comecei, então, a compartilhar com os alunos minhas experiências pessoais, como o terrível dia em que sofri homofobia em um ponto de ônibus, à noite, ou os anos difíceis no meu Ensino Fundamental. Assim eles seriam ouvintes, e eu não arriscaria a ex-

posição de opiniões, embora eu desejasse transformar o momento em um longo debate. Ser gay e professor é um desafio que precisa ser cumprido dia após dia. E, assim como eu, há muita gente por aí acorrentada pela repressão.

Decidir apenas falar sobre mim mesmo acabou se convertendo em situações de afinidade: final da aula, alunos indo embora, sala vazia. Alguns esperando pelo silêncio reconfortante, apenas a voz do professor disposto a dar conselhos. “Professor, eu não sei se sou um menino ou uma menina”. “Professor, vivo algo semelhante. Mas meus pais são extremamente intolerantes”. Desabafos como esses me fazem pensar que, mesmo obrigado a cumprir algumas regras pelo meu bem-estar (preciso pagar as minhas contas), ainda posso fazê-los perceberem que a não tão fácil trajetória de autoafirmação não deve ser traçada de maneira solitária. Que o diálogo e a busca pela identidade são essenciais. Descobri, então, que as relações de poder se estabelecem em qualquer espaço. Inclusive, o pai x a instituição privada. A esperança de usufruir da sala de aula com liberdade talvez pareça uma utopia, mas sigo em busca de apresentar mecanismos que vão além da clássica frase “o homem é aquilo que a educação faz dele”. No momento, sigo percebendo, na minha realidade docente, que o homem é aquilo que a família/o dinheiro faz dele.

Biografia

Rafael Monteiro — Sou professor de Literatura em um colégio particular do Rio de Janeiro. Mantenho uma relação com a escrita desde a infância. Nela, eu meu próprio universo de criança, imaginava que seria um escritor premiado. Minha paixão pela escrita

(sobretudo pelas crônicas) foi introduzida por Clarice Lispector. Eu também era fascinado pelos contos de Edgar Allan Poe. Hoje, no magistério, adoto a missão de estimular em meus alunos a perceberem na leitura um mundo amplo, belo. Meus cronistas favoritos são Clarice Lispector e Lima Barreto. Instagram: erremonteiro.

Sexta-feira

E chegou a tão esperada sexta-feira, dia em que nos esforçamos para chegarmos mais cedo ao trabalho e desta forma garantimos que chegaremos em casa a tempo de tomar um banho e assistir a primeira aula no horário correto, ou seja, as 18 horas. Sexta-feira tão aguardada, dia em que todo o trânsito da cidade permanece alternando-se em engarrafamentos até alcançarem seu nível máximo, intransponível iniciando-se sempre às 17:00.

Se conseguimos sair do trabalho e entrar no ônibus até às 16:45, tudo ficará bem, conseguiremos chegar em casa antes das 18:00, assistiremos a aula, teremos até um certo ânimo para participar, responder, opinar e se conseguirmos tomar banho antes, podemos até mesmo considerar ligar a câmera já que já estaremos vestidos e em paz no momento da aula. Hoje, uma tentativa de arrastão na linha amarela me impossibilitou de chegar cedo, conseqüentemente de sair no horário pretendido, deixei o trabalho as 17 horas e já que não conseguirei chegar a tempo da primeira aula, paro na central para comer um pastel e comprar um sonho recheado de doce de leite, vou dividi-lo e comer uma parte de sobremesa do jantar, a outra no café da manhã seguinte; sim o so-

nho vendido na central é tão grande que podemos comer em duas, ou até três refeições.

Já no ônibus, aproveito para ler o texto que trataríamos na primeira aula, sempre tive um sentimento de amor e ódio por engarrafamentos, me atrasar para os compromissos é terrível, mas ter um tempo para ler, sem culpa, foi o que me levou a ter a certeza de que deveria cursar letras, pelo prazer que eu encontrava naqueles momentos, onde conseguia me desconectar do mundo a minha volta.

Estava assim, completamente absorta em minha leitura quando senti as primeiras gotas de chuva. Eu tinha visto no jornal mais cedo que existia a ameaça de uma tempestade e ela tinha acabado de chegar. Tentei inutilmente fechar a janela, mas estava emperrada, me levantei e joguei toda a força do corpo e nada, nem se moveu; o ônibus estava razoavelmente cheio, então eu não podia simplesmente mudar de lugar, a moça ao meu lado, que também estava sendo atingida, tentou ajudar mas a janela se negava a colaborar; um homem de pé na parte da frente do ônibus viu o que estava acontecendo e veio em nosso auxílio, uma senhora apareceu com um pouco de óleo de máquina, aquele com um cheiro bem forte, lambuzou a parte de baixo e de fora do vidro, o homem empurrou e a bendita janela se fechou, foi um alvoroço no ônibus, todos aplaudiram.

Após a comoção, usei algumas páginas do caderno para limpar os respingos do óleo e voltei a me sentar, 18:30 e ainda não estava nem na metade do caminho. Eu tenho prova às 20 horas, não posso perder, de jeito nenhum, finalmente cheguei ao último período da faculdade, não posso repetir nenhuma matéria.

Estando nervosa demais para voltar a leitura, fui verificar o jornal e parei em uma notícia sobre a volta das aulas presenciais nas escolas municipais já no próximo mês, mesmo sem as crianças, ou mesmo os adultos estarem todos vacinados. A notícia ressaltava a importância do retorno, vários especialistas pareciam ter opiniões importantes sobre o assunto, nenhum deles parecia ter filhos que estudassem em escolas do município.

Como futura professora sei exatamente o quanto a educação é importante, é sem dúvidas essencial para as crianças, mas não ao custo de suas vidas, ou de seus pais. Me desligo da notícia e levo um bom tempo pensando sobre o assunto, é claro que as aulas estão fazendo falta e tornando ainda mais proeminentes as diferenças sociais, porém um retorno sem a segurança adequada não deveria ser nem mesmo uma opção, penso no que poderíamos fazer. Durante a graduação li sobre alguns teóricos, e me recordo de um livro em particular que me marcou, do professor José Carlos Libâneo. Me lembro que ele defendia que a literatura era a base para o desenvolvimento das crianças, pois quem tem a capacidade de interpretar um texto consegue resolver com mais clareza uma questão aritmética, entender melhor um panorama geográfico, ou compreender todas as nuances históricas. Levei um tempo pensando sobre isso, como a literatura poderia ser melhor utilizada na escola e principalmente em uma pandemia como a que nos encontramos.

Acordei uma hora mais tarde, com o aviso de que deveríamos manter as pernas suspensas, porque estava entrando água no ônibus, assim permanecemos por algumas horas. As 22 horas fizemos um rodízio de sonhos

da central, é realmente um doce famoso, todos tinham pelo menos um.

Cheguei em casa às 2:45 da madrugada, a sexta-feira já tinha acabado, perdi a prova, comi sonhos, tomei banho e fui dormir.

Escrever é esquecer. A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida. A música embala, as artes visuais animam, as artes vivas (como a dança e a arte de representar) entretêm. A primeira, porém, afasta-se da vida por fazer dela um sono; as segundas, contudo, não se afastam da vida — umas porque usam de fórmulas visíveis e portanto vitais, outras porque vivem da mesma vida humana. Não é o caso da literatura. Essa simula a vida. Um romance é uma história do que nunca foi e um drama é um romance dado sem narrativa. Um poema é a expressão de ideias ou de sentimentos em linguagem que ninguém emprega, pois que ninguém fala em verso.

Fernando Pessoa,
Livro(s) do Desassossego, 1928.

Biografia

Thais Labanca — Sou graduanda de letras, português e literaturas; me tornei uma escritora como consequência da minha paixão pelos livros, a experiência de ler era tão fascinante que me tornar parte disso era inevitável.

Antes de tudo tornei-me leitora o que se iniciou do medo de não poder ler. Em meu primeiro ano do ensino fundamental, meus pais se divorciaram e perdi um ano de escola, o medo de nunca aprender a ler creio que despertou ainda mais meu interesse. O medo guiou o início do meu apego às letras, a criatividade veio delas e se virou para elas. E-mail — tlabanca06@gmail.com

IV

Sou professor(a). E agora?

E agora, José? Você, professor, o que te move? Quais os principais desafios para se ensinar hoje e o que vale a pena?

O shampoo e a cabine do caminhão

— Eu não consigo escrever minha crônica. Acho que estou com bloqueio criativo. — Ela escreveu no grupo de conversas com outros professores.

Um colega respondeu que Clarice (Sim, aquela Clarice!) também tinha esses momentos e, certa vez, dissera ao Rubem que se sentia confessando algo quando escrevia crônicas. Estava a professora ali, olhando para a tela, tal qual G.H, parada na porta, enquanto olhava o desenho na parede. O que confessaria?

Dava aula desde os dezessete anos. Estava há trinta-e-lá-vai-fumaça na Educação... Usou saia de pregas, camisa de mangas longas e gravata borboleta, com broche, na adolescência (“Avante, normalista!”). Chorou quando, pela primeira vez, enfrentou uma turma sozinha e precisou ser consolada pela proprietária da escola. Um vexame! Por que ninguém conta que, na Educação Infantil, as crianças choram todas ao mesmo tempo?

Chorou de novo, já adulta. Chorou de soluçar e mandou avisar aos pais que, se morresse naquele dia, teria cumprido a missão. O choro deu um ar dramático à situação, mas foi sincero como na primeira vez.

Naquele ano, resolvera ser voluntária no projeto social da paróquia; alfabetizaria idosos. Até hoje, lembra do Seu José, da Dona Maria, da Dona Natalina, da Dona Rita. Uma outra senhora, cujo nome fugiu da memória, chegou, certa vez, muito enfeitada: cabelos cuidadosamente arrumados, a roupa mais bonita, a cabeça erguida, uma altivez nunca vista.

— O que aconteceu? — A professora quis saber.
— Onde é a festa? Também quero ir.

— Professora, eu descobri que eu já sei ler.

— Mas a senhora sabe ler há seis meses...

— Não! Hoje eu descobri que já sei ler. Hoje entrei na farmácia e li sozinha, sem chamar ninguém, “shampoo para cabelos secos”.

Ela, a professora, segurou o choro, pois ainda haveria outra aula pela frente. Seu José entrou atrasado, mas feliz. Ele também tinha um ar diferente, uma segurança que ela nunca vira.

— Ei, gente, Seu José chegou todo bonito... O que aconteceu?

— Professora, eu mudei de emprego! Quando eu era analfabeto, eu ia na caçamba do caminhão, me equilibrando nos tijolos. Agora eu não aceito mais isso, não. Agora, que eu sei ler, só aceito viajar na cabine. Agora eu leio os endereços! Ninguém me engana mais.

— Não saber ler é uma caverna escura. — Completou uma outra aluna, que nunca ouvira falar da *Alegoria*.
— Parece que a gente saiu de uma...

A professora chorou de soluçar e mandou avisar aos pais que tinha cumprido a missão.

Biografia

Andréa Motta — Comecei a dar aulas aos 17 anos para a Educação Infantil e, desde 2005, sou professora de Língua Portuguesa no IFRJ. Também sou da geração que leu o volume 1 da coleção “Para gostar de ler” no Ensino Fundamental e conheceu, nessa época, as crônicas de Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga. Instagram: [conversadeportugues](#)

Ler é acessar o mundo

Em janeiro de 2021, o youtuber Felipe Neto compartilhou um tweet que gerou bastante polêmica nas redes e que dizia o seguinte: “Forçar adolescentes a lerem romantismo e realismo brasileiro é um desserviço das escolas para a literatura. Álvares de Azevedo e Machado de Assis NÃO SÃO PARA ADOLESCENTES! E forçar isso gera jovens que acham literatura um saco”.

Ler uma declaração dessas não é, de modo algum, chocante; vemos aos montes por aí. Elas sempre estiveram presentes, não se trata de um debate super recente. Como uma opinião comum, é fácil partilhar de tal pensamento. À medida que você começa a se inteirar da discussão e a pensar a literatura não somente do ponto de vista do gosto pessoal — como é o meu caso, futura professora de literatura —, essas afirmações absolutas caem por terra, podem ser questionadas. É dessa perspectiva que partirei, ao trazer o outro lado da moeda.

Eu mesma poderia cair nesse abismo, se apenas levasse em conta a própria experiência e dela firmasse uma convicção. Nos tempos de escola trombei com autores temidos pelos estudantes, como Machado de As-

sis, citado por ele, Castro Alves e Carlos Drummond de Andrade.

Meu primeiro contato com os três foi insatisfatório, definitivamente. Dois deles por cair em textos que não me agradaram — e que continuam desagradando — e outro por ser complexo.

Mas, então, Felipe Neto está certo? Creio que não. Apesar do ocorrido ser desfavorável, atualmente defendo que tais autores devem sim fazer parte da vida estudantil.

Felizmente, fiz as pazes com os escritores mencionados, anos depois. Descobri a grandeza da obra, não compreendida à época, de Castro Alves, e que, mesmo não sendo de meu gosto os textos de Machado e Drummond, ambos apresentam uma extensa vida literária, que não se resume aos meros escritos que tomei conhecimento naquele tempo. Hoje posso dizer que superei o baque inicial e aprecio cada um deles, à sua maneira.

A vivência escolar não foi o suficiente para que se criasse uma barreira em relação à literatura, logo não caracterizou um trauma em minha jornada. O que quero dizer com isso?

Tudo bem, é possível que a abordagem escolhida pelo professor tenha sido falha e que alguma outra fosse mais efetiva para que eu me encantasse pelos autores ainda no colégio. Mas daí a considerar uma experiência descontextualizada como a comprovação de uma declaração como essa é um passo gigantesco.

O meu ponto é este e nada mais: será que eu teria acesso a esses e a tantos outros escritores clássicos se não fosse a escola? Não posso dizer que isso nunca aconteceria, mas acredito que o ambiente educacional

facilitou o processo. É a circunstância ideal para acessarmos conteúdos que, de outra forma, penaríamos para nos aproximar. É o período em que nos formamos como indivíduos pensantes, críticos, capazes de transformar, mesmo que em menor escala, a realidade social em que estamos inseridos. Antonio Candido, lá em 1988, já nos alertou de como a literatura é um direito humano que deveria ser inalienável. Vale a pena abriremos mão de tudo isso?

Somos parte de um país que não é majoritariamente leitor e que tem sua educação desvalorizada, por isso seria importante garantir ao estudante o alcance às grandes vozes da literatura brasileira, até porque é também primordial para a construção da cidadania dos próprios alunos.

Creio que o estabelecimento da relevância dos autores em nossa história foi o que me motivou a concedê-los uma nova chance e, assim, perceber como estava equivocada e como poderia me deleitar com seus livros.

Biografia

Cristiane Soeiro Cunha Gomes — Sou bacharela em História pela UNIRIO e estudante de licenciatura em Letras Português/Literaturas pela UFRJ. Tenho uma forte ligação com a leitura. Desde criança sempre gostei de ler e escrever, aprendi ainda com cinco anos de idade. Não tenho uma familiaridade com o gênero da crônica, seja em relação à leitura ou à escrita, então estou me aventurando por esta vereda. Com relação a outros gêneros, escrevi ficção durante vários anos e tenho bastante inclinação à pesquisa acadêmica. Almejo traçar uma trajetória dentro da universidade. Tenho um instagram em que falo de literatura: @pedrasembolsos.

Onde estão o Nós que queremos escrever neste terreno

Poucas coisas me incomodam tanto quanto a necessidade de procurar respostas. Não que eu seja averso a elas, pelo contrário: gosto de responder perguntas. Mas tenho a crença de que elas podem finalizar o prazer que é a curiosidade humana. E meu estado de incerteza se acentua ainda mais quando são pedidas respostas a outras respostas que não se findaram por si mesmas. O ar da dúvida causado pela pergunta é mais interessante, afinal.

Numa certa tarde chuvosa, eu estava dentro da sala de aula conversando com os alunos-participantes da oficina, sobre nossas perspectivas sobre a literatura. Parte deles eram curiosos o bastante para lançar-me suas dúvidas e corajosos o bastante para materializar suas ideias através da fala e usá-las como enunciado potente na exposição de seu próprio conhecimento de mundo. Isso me deixa atônito sempre que acontece e fico feliz por ser frequente. E naquele encontro, um dos rapazes que estavam sentados ao meio-fundo, Gabriel, disse-me que ouvia quase sempre ao disco *Sobrevivendo no Inferno*, dos Racionais MC's. E depois de um curto silêncio, ele perguntou-me se aquilo poderia ser literatura. Eu respondi

que sim. Então ele perguntou o porquê. Respondi que o rap é uma junção do ritmo e da poesia e configura-se livremente como literatura, e que sua forma de produção oral torna aquela enunciação ainda mais potente; tão potente quanto as perguntas que eles, os alunos, faziam sempre que algum assunto interessante purificava os ares da nossa sala de aula.

Os alunos ficaram extasiados. Começaram a falar sobre seus artistas musicais favoritos de rap: a extensão de exemplos caminhou dos sucessos das plataformas de streaming aos cds piratas comprados no camelódromo que a geração deles — e a minha — cresceu ouvindo. Gabriel, não satisfeito, tornou a perguntar novamente. Eu adorava aquelas perguntas.

— E o slam é literatura também?

— É sim. Por que não seria?

Ele não respondeu. Ficou em silêncio enquanto a turma demonstrava estar gostando daquela discussão. Até se lembraram de quando lemos os contos da Conceição Evaristo e as crônicas da Cidinha da Silva. E eu me lembrei de suas oscilantes expressões ao confessarem a falta de contato com uma literatura mais próxima de suas respectivas realidades pois as ideias que tinham estavam relacionadas sintomaticamente às histórias de gregos e romanos, cavaleiros e donzelas, mocinhas e cafajestes.

— Mas e se eu escrever? Também vai ser literatura?

— Gabriel perguntou-me aquilo como se estivesse me desafiando a dizer que não. Aproveitei a deixa.

— A menos que você queira que seja. — respondi

— Você quer? Por que não escreve e então descobrimos juntos?

Gabriel pensou enquanto fitava o espaço vazio. Os colegas falavam, falavam... Que os deuses me livrem de uma sala de aula silenciosa. E eles estão me livrando, por enquanto.

— Ué? Então o que é e o que não é? — ele tornou a perguntar.

Não respondi. Fiquei desassossegado. Gabriel havia me perguntado algo que eu poderia responder, mas preferi não o fazer. Não gosto de respostas para perguntas que podem continuar sendo perguntas. Imagine a frustração dele e dos outros alunos se eu respondesse com uma simples definição didática que não desse conta de tudo o que pensamos e aprendemos ao longo dos encontros de nossa oficina. Eles não me perguntariam novamente. Eu não queria e não podia responder às perguntas de Gabriel naquele momento pois meu desassossego era a prova de minha felicidade ao ver que ele e os colegas estavam comprometidos com o que fazíamos ali.

No encontro seguinte, ele me trouxe um texto manuscrito. Era uma folha pautada com as marcas e bordas do espiral de caderno. Gabriel escreveu uma crônica. Talvez nem fosse uma crônica. Não importava. O texto era avassalador. Situações simples e corriqueiras: o toque do funk em batida acelerada nas casas vizinhas, a algazarra feita pelos rapazes mais velhos nas lajes quando soltavam pipa, as meninas-mães com suas crianças de colo, o ônibus lotado, o soar da motocicleta. Gabriel escreveu sobre sua realidade sem que precisasse dizer seu nome ou referir a si mesmo. O protagonismo daquele artefato literário era inteiro da própria periferia onde ele morava. Cada sujeito, cada canto do *microcos-*

mos urbano relatado por ele, cada percepção subjetiva do que era a experiência.

Gabriel, o meu aluno, havia feito literatura. Disse que estava bom, pedi para ficar com o texto e aconselhei-o a escrever mais. Ele prometeu que escreveria. Eu disse à turma que gostaria de ler o que eles poderiam escrever: um conto, uma crônica, uma vinheta, um poema... Um texto. Se passaram toda a trajetória escolar lendo histórias e fragmentos subjetivos literários, por que não poderiam escrever? Que inventassem histórias, que narrassem o real, que enunciassem a palavra... Que procurassem por algo! Procurar pelo que? Eu, um curioso nato pelo *Outro*, queria muito ler; do mesmo modo que eles também precisavam ler aquilo que escreveriam.

O texto é o terreno. A literatura é o terreno.

Biografia

Deryk Almeida é estudante de Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pesquisador nas áreas de literatura comparada, literatura brasileira e estudos culturais, com um corpus composto pelas obras de Geovani Martins e Racionais MC's. Através do pseudônimo Dominck Anthony, escreve contos, crônicas e poemas em prosa, publicando alguns textos no Medium. Leitor quase compulsivo desde criança (sendo, na época da escola, o menino da biblioteca), suas maiores influências na literatura são Conceição Evaristo, Toni Morrison, James Baldwin e Clarice Lispector. Influenciado, na área educação, pelas construções de Nilma Lino Gomes e bell hooks (escreve-se em minúsculo), deseja se tornar um professor atuante e formador de sujeitos enunciativos através da escrita e do pensamento crítico, agindo em prol de uma educação emancipatória que viabiliza a agência de todos os sujeitos com ela envolvidos. Contato: derykalmeida@hotmail.com. Medium: <https://medium.com/@dalmivin>

Andar de bicicleta

Tive que ensinar uma amiga a pedalar nestas férias. Não foi ensinar do zero, pois ela, com seus 41 anos, aprendera a pedalar na infância e há cerca de 10 anos nunca mais subira em uma bike. Estas aulas de como andar de bicicleta, que foram à beira mar em uma bela ciclovia de Guarapari/ES, me fizeram pensar em muitas coisas. Uma delas é que faz 20 anos que pedalar é parte de minha vida e que gosto muito da sensação de ver o mundo daquele lugar mais alto que uma bicicleta te proporciona.

A segunda coisa que pensei foi como certos saberes só nos são visíveis quando temos que ensinar para outra pessoa. Na condição de alguém que ensinava tive que pensar nas possíveis dificuldades que a minha aprendiz — que sabia pedalar, mas perdera a confiança, a fluência dos movimentos — precisaria ter para não cair e para conduzir com segurança, desenvoltura sua bela bike retrô azul vendo o mar ao seu lado.

Algo que me ficou evidente foi evitar que ela pedasse uma bike com muitos recursos, por exemplo, marchas. A bicicleta dela não tinha marchas, mas caso tivesse eu não me dedia em ensinar isto logo de cara. Também não vi como necessário ensinar o nome dos componentes de uma bicicleta pedivela, selim, quadro, coroas, guidom, pedal, aro, raios do aro. Muitos destes nomes ela podia conhecer, outros não. Saber ou não saber estes nomes pouco importava naquele momento. Talvez em outra etapa seja interessante até mesmo para poder conversar com pessoas que partilhem do mesmo hobby ou na hora de comprar ou trocar um componente.

Pensei também em outras dificuldades como fazer manobras ou como lidar com imprevistos que aparecem a sua frente: um carro, um pedestre, um cordão de meio fio para subir. São coisas simples para quem pedala há anos, mas que oferecem grandes dificuldades para alguém que já não pedala há muito tempo. Uma subida leve pode parecer o Everest; Uma descida à toa pode parecer a mais assustadora das rodas gigantes.

No começo, ela botava o pé no chão a qualquer sinal de que não iria conseguir. Brinquei com ela: 10 reais por cada vez que você botar o pé no chão. E ia contanto e logo perdendo a dívida dela a cada sucesso que conseguia. No final, ela ficou sem dívidas e com muitos créditos. Reaprendeu rápido. Conseguiu em poucos dias pedalar na rodovia, dar conta de uma subida razoável, desviar de pedestres e de carros sem medo, pedalar 10 a 20 quilômetros na ciclovia. Voltou das férias motivada a continuar pedalandando, falando de bicicleta, de como é bom pedalar e de metas ciclísticas futuras.

Estas lições de bicicleta me levaram a pensar no ensino de língua portuguesa. Os alunos do ensino fundamental que chegam às nossas escolas sabem o português, aprenderam as principais regras e estruturas do idioma. Sabem usar o idioma em vários contextos: social, familiar, digital. Eles sabem “pedalar” o idioma, certas modalidades do idioma. Mas outras modalidades do idioma — outros registros — eles desconhecem, não se sentem seguros. Chega um ponto que eles podem inclusive achar que não sabem o idioma, algo que se manifesta muito em frases que nós professores de português ouvimos com frequência: sou péssimo em português, português é muito difícil.

De forma geral a trajetória de nossos alunos os leva a temer a língua, a temer expor sua escrita, a não se sentir à vontade em situações de fala pública. É como se houvesse uma espécie de desaprendizagem. Tudo isso já foi alvo de inúmeras discussões de pesquisadores super competentes como Irandé Antunes, Celso Pedro Luft, Evanildo Bechara, Marcos Bagno, Ângela Kleiman, Roxane Rojo, João Wanderley Geraldi.

Como professores temos que saber que aprendizagens são necessárias para nossos alunos se sentirem seguros com o idioma. Quais questões da norma culta são essenciais? Que gêneros escritos e orais eles devem aprender? Como fazer que eles falem em público com desembaraço? Quando devemos focar na nomenclatura? Como estimular a leitura literária? Tudo isso exige pensar em uma trajetória de ensino-aprendizagem de longa duração, mas com avanços reais a cada etapa.

Quem ensina tem que potencializar o que os aprendizes já sabem e projetar novas aprendizagens.

Não se pode de cara colocar obstáculos intransponíveis. São situações de uso significativas que geram a confiança de avançar mais. Quem já estudou uma língua estrangeira sabe como é isto. Os fracassos no uso do idioma estrangeiro desmotivam muito a continuidade dos estudos. É um fator de desmotivação, de dúvida se algum dia você conseguirá se expressar naquela língua. Falo de língua estrangeira, pois acho que aí reside um ponto essencial do ensino de português. Para alunos de extratos mais pobres, o contato com a norma culta na escola pode parecer com o contato com uma língua estrangeira. Aquela língua que a escola quer ensinar — o norma urbana culta — tem semelhanças com as normas que estes alunos falam. É importante conhecer as regras da modalidade que os alunos falam e fazer correlações com a norma urbana culta. Ver o que falta aprender. Marcos Bagno tem um livro muito interessante neste sentido “Gramática de Bolso do Português Brasileiro”. Nesta obra, o linguista compara a norma culta brasileira e a norma-padrão tradicional — de caráter prescritivo que é ensinada na escola. A lógica é: o aluno sabe isto, mas precisa aprender esta outra forma prestigiada. Ele vai precisar desta forma prestigiada em várias situações sociais, profissionais. Não ensinar isso é grave, podendo prejudicar a continuidade dos estudos e do acesso a postos melhores de trabalho.

Vejo também que isso mexe com a autoestima. Deve ser frustrante você dizer que desconhece seu próprio idioma e ter medo de se expressar. Eu acredito que é possível criar condições para que esta relação com a língua portuguesa seja ressignificada em nossas escolas. Acredito que isto é papel de profissionais comprometidos.

dos, engajados com a educação pública, pesquisadores de sua própria prática. Pessoas que refletem sobre o ensino e aprendizagem do português e que acreditam no potencial linguístico de seus alunos.

Usar o idioma com desenvoltura é tão bom como pedalar à beira mar em um dia de sol. Pedalemos...

Biografia

Marcos Scheffel — Sou professor da Faculdade de Educação da UFRJ. Minha relação com a crônica vem da educação básica quando li a famosa coleção “Para gostar de ler”. De lá para cá li muitas crônicas, escrevi outras tantas, incentivei a escrita delas em vários níveis de ensino, organizei antologias e defendi uma tese que fala muito da crônica de Lima Barreto. Meus cronistas favoritos são Lima Barreto, Luís Fernando Veríssimo, Clarice Lispector e Rubem Braga. Instagram: marcos_scheffel

Adicionando cor à literatura

“Carol, eu não sei por quê precisamos ler tanto!”. Toda terça, reservo quinze minutos da rotina com as crianças para lermos um livro e dialogarmos sobre a importância da leitura, e toda terça ouço essa mesma pergunta. Eles dizem que odeiam ler. Nas aulas de *Library*, quando visitamos a grande biblioteca da escola, os alunos fazem questão de se comportar da pior maneira possível e, mais uma vez, justificam a postura inadequada com o fato de que eles detestam ler. Toda quinta, a turma consulta a biblioteca de sala e escolhe um livro, de português ou inglês, para levar para casa e realizar a leitura com os pais. E toda quinta, eles dizem que preferem não levar, pois sabem que não vão ler de qualquer maneira e, novamente, afirmam não saber por quê ler com tanta frequência. Mas sabe qual a pior parte? Eu me vejo neles.

Durante um período da minha vida, eu também odiei ler. Quando criança, minha mãe me forçava a ler livros e isso despertava uma raiva no meu interior. Eu tinha videogame, televisão com vários desenhos legais, podia sair para brincar com meus amigos, e ia ficar trancada no quarto lendo? Nunca. Conforme fui crescendo,

passei a poder escolher o que iria ler, ou seja, não era mais uma leitura selecionada pela minha mãe. Conheci o universo da literatura infantojuvenil e, em alguns meses, engoli toda a série da coleção de “Meu querido diário otário” e os romances de “Belo Desastre”. Consegui viajar e imaginar como seria minha adolescência, se seria uma rebelde sem limites ou uma romântica sem causa, viajei até o dia do meu casamento e experimentei sensações novas. Descobri o quanto amo o frio na barriga e as borboletas no estômago que um livro clichê adolescente proporciona. Finalmente, consegui entender o ato da minha mãe em incentivar a leitura, mas levou tempo, e é por isso que respeito tanto o processo dos meus alunos.

Eu poderia divagar sobre várias situações em que meus alunos mostraram desinteresse em ler, poderia compartilhar minhas experiências e meus medos, ideias para reverter esse quadro, mas preciso revisitar um acontecimento muito marcante. Sendo uma das poucas professoras negras de um colégio elitista na Barra da Tijuca, vejo pouquíssimas semelhantes e não sinto que aquele seja meu espaço. Imagine uma criança de 7 anos em meio a tantos “barrenses” branquelos.

Há uma aluna específica que é conhecida por ser muito agitada, odiar os amigos e as professoras, não conseguir ficar em sala e outros motivos. Nunca a havia encontrado, só ouvia falar (tal qual o Caviar para o Zeca Pagodinho). Certo dia, me pediram para substituir a professora desta aluna, e eu fui morrendo de medo e esquematizando maneiras de lidar com essa situação. Ao chegar na sala, me deparo com uma menina linda, com seu imenso *black* e sua máscara colorida. A menina estava

sentada ao lado de sua mediadora, e logo fiz questão de cumprimentá-la primeiro. Me tratou com todo o amor do mundo, elogiou meu cabelo, minhas roupas, pediu para ajudá-la durante o dia... Então era essa a criança de que todos falavam? Tem alguma coisa nessa história.

Ao longo da semana, fomos estabelecendo uma boa relação de confiança e parceria. Na quinta-feira, dia de levar um livro para casa, ela me contou que odiava ler e não queria levar nenhum. Apenas o ato de precisar escolher uma obra literária a deixou inquieta, e começou a brigar com os amigos e outras professoras. E agora, Carolina?

Corri até a biblioteca e selecionei um livro muito especial: *Amoras*, do Emicida. Eu precisava fazer com que as palavras tocassem aquele coração tão puro e aquela mente tão confusa. Antes de ler o livro, assistimos ao curta premiado pelo Grammy “Hair Love”, de Matthew A. Cherry, e notei que a aluna estava completamente obcecada. Provavelmente, era a primeira vez que se enxergava em uma personagem na escola.

Comecei a leitura e vi vários olhos brilhando, alguns quase fechando de sono, outros dispersos, mas um muito específico me chamou atenção. Um olhar encantado. Assustado. Curioso. Era dela. Não tirou seu olhar do livro nem por um segundo e, ao final da leitura, perguntou se poderia levar para casa e mostrar para sua mãe. Senti um alívio de sensação de dever cumprido.

Ao fim da semana que acompanhei essa turma, meu coração estava mais calmo. Consegui fazer com que a literatura alcançasse uma nova alma e, ao mesmo tempo, ganhou um novo significado para mim: representatividade. A literatura é importante para viajar,

estudar, conhecer novos lugares, mas também para se conhecer. Esse acontecimento despertou em mim, uma futura professora de literatura, a vontade de explorar mais a literatura negra e antirracista com meus alunos. Quantos livros li na escola de autores negros? Será que já havia lido algum livro em que o negro não fosse escravizado, maltratado, esquecido, ou só o melhor amigo da personagem branca principal? Essa reflexão me fez estabelecer como um dos meus objetivos principais abordar obras mais inclusivas e representativas para os meus alunos. Espero conseguir arrancar mais olhares brilhantes apenas lendo, assim como foi com essa aluna.

Biografia

Ana Carolina Rodrigues — Sou graduanda em Letras (Português/Literaturas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 2017, quando decidi que queria ser professora de português, minha querida professora de redação me deu de presente o livro “As cem melhores crônicas brasileiras”, organizado por Joaquim Ferreira dos Santos. Foi meu primeiro contato com esse gênero literário tão incrível. É emocionante olhar minha trajetória e hoje estar aqui publicando uma crônica de autoria própria. Estou super ansiosa para mostrar para meus alunos do 2º ano do Ensino Fundamental I!

Linha de produção

Minutos finais da aula. Alguns alunos ainda registram a colorida aula esboçada no quadro branco com *pilots* de diferentes cores e uma letra desenhada com capricho... Outros já guardam seus cadernos enquanto conversam. Da mesa, à frente da sala, ela observa atenta e buscando manter certa ordem. Os anos de docência lhe ensinaram que nesses cinco minutinhos finais muita coisa pode acontecer! Mas o clima é de harmonia. Pedços de conversa de alunas e alunos, daqui e dali, chegam a seus ouvidos revelando *flashes* do cotidiano de cada um.

— Hoje tem treino! Te vejo no campinho. Vê se não falta de novo!

— Se liga que vai ter invasão no morro, hein! Tô avisando.

— Preciso ir logo, porque vou ajudar minha mãe na costura — comenta uma menina com outra. Nesse momento, a professora abandona a sala. Sua expressão ainda está lá, a transmitir ternura e garantia de ordem, mas sua mente viaja.

Lembrou-se da mãe automaticamente. Aprendeu a costurar com ela, costureira de mão cheia e bastante requisitada por grifes famosas (que apesar de cobrarem

altíssimo valor por um vestido, ou talvez pela etiqueta, pagam uma miséria pela confecção de cada peça). Lembrou-se também da dureza de enfrentar dois ônibus para buscar a produção. Era ajudante da mãe nessas horas. Bolsa pesada, pois era abarrotada de rolinhos contendo pedaços de pano cortados em diferentes formatos. Um imenso quebra-cabeças a ser costurado. Além dos lotes e aviamentos, uma peça modelo. Sempre em tamanho P.

— Cabe em mim, mãe! — dizia quase sempre.

A peça vestia com alguma folga o magro corpo adolescente. Dentro do vestido, a imaginação ganhava asas. Se materializavam bailes, jantares chiques, castelos no ar que se formavam, mas logo se desmanchavam. O prazo de entrega da produção, sempre apertado, deixava pouco espaço para devaneios.

Duzentos, trezentos vestidos na semana. Era preciso abrir logo espaço na mesa, esmiuçar a bolsa, desvendar o encaixe dos cortes e a melhor forma de costurá-los.

Cada nova produção trazia um mistério a ser resolvido:

— Como se costura esse bolsinho em faca? E esse fecho invisível?

E a mãe a explicar:

— Aqui, ó! Você segura assim, prende bem.

A filha/aluna, agora professora, conseguia ver as pontas dos dedos da mãe ficarem vermelhas ao pressionar o tecido. A imagem lhe era nítida depois de tanto tempo... a voz da memória era a de sua trabalhadora mãe. Aquele falar de quem tem a voz espremida entre lábios que seguram alfinetes enquanto se está a coser.

— Agora costura aqui! — dizia a genitora com paciência e didática impressionantes.

O sobe e desce da agulha na máquina.

— Arremata beem e pesponta. Pronto!

A filha seguia as instruções. Aprendia rápido. Juntas, viravam noites em cima das máquinas. Com o suor da costura pagavam os estudos da menina. O futuro não era muito planejado, mas havia o desejo de que na profissão a ser escolhida, a construção de cada peça recebesse mais valor.

— Professora, tá na hora!!! Pode descer? — a voz infantil do aluno mais peralta a traz célere para os tempos atuais.

— Sim, sem correria, tá! Até segunda. Bom final de semana pra vocês. Vão com cuidado! — responde ainda entre o passado e o presente.

Vai saindo da sala já planejando mentalmente a próxima aula. No plano de curso, o tópico avança para o gênero crônicas. Leituras, compartilhamentos, análises e produção textual. Vai pensando no texto a ser lido. Uma peça modelo? Já tem algo em mente. Uma crônica lida a pouco tempo lhe parece cair bem, ajustar-se ao que conhece da turma. As estratégias para a leitura também já vão se delineando, costurando-se aos espaços planejados para compartilhamentos e análises. É a parte de que mais gosta nas aulas. É como permitir que cada um vista a peça pronta e veja as asas da imaginação despontarem. Mas e a escrita dos alunos? Como ensinar, com a eficiência da mãe, sem transformar a aula em uma linha de produção? Pensou nisso o dia todo, em todas as aulas que teceu.

Biografia

Débora Klayn — Professora da educação básica, ingressei no serviço público em 2005. De lá pra cá, atuei em escolas estaduais e hoje me dedico a duas redes municipais. A carreira docente me veio a partir de um cursinho de inglês. A formação em Letras, no entanto, abriu-me os horizontes para a possibilidade de trabalho com algo que sempre amei: a leitura literária em língua portuguesa. Instagram: deboraklayn

Primeiro dia de aula

Gabriela veio até mim e disse:

— Para que estudar esse negócio de poema e poesia? Eu não vou precisar de nada disso, vou cabeleireira como a minha mãe!

E eu, uma estudante de letras do segundo período, que só estava ali por que o estágio me rendia uns trocados para sair no final de semana, fiquei totalmente sem palavras. E a menina me olhava tão profundamente, com aqueles olhos questionadores, que chegava a me causar um frio na espinha.

Acontece que eu não estava preparada para lidar com esse tipo de questionamento, na verdade eu achava que o aluno simplesmente acataria tudo que eu dissesse, copiaria a matéria, faria a prova e ponto final. Por isso escolhi lecionar para adolescentes, eles me pareciam mais simples e fáceis de levar, sem maiores desafios.

E onde eu fui me meter.... Eu estava passando pelo que mais temia... Como explicar algo que nem eu sabia a explicação? Qual era realmente a importância de ler “Camões” para aquela menina?

O jeito era fazer com que aquela menina questionadora não percebesse que eu também não sabia a

resposta, e foi aí que eu usei a tática mais conhecida de todas, a que aprendi com a maioria dos professores durante toda a minha vida escolar, joguei a bola para ela.

— Ué Gabriela você deveria saber a importância da literatura né, afinal você já está no segundo ano!

A resposta não agradou muito aquela adolescente de 16 anos, que logo retrucou uma resposta:

— Como eu vou saber? Nunca pararam para me explicar, vocês professores de português só sabem mandar a gente ler texto e depois fazem um monte de perguntas, não sei para que isso...

Mais uma vez fiquei sem palavras, na verdade fiquei foi constrangida, porque aquela aluna tinha toda razão, pois dificilmente é dado ao aluno a oportunidade de saber o porquê de ele estar tendo aquela ou outra aula, e qual a importância disso em sua formação ou na sua vida.

Percebi que a saída naquele momento era apelar para o meu lado cômico e dar mais uma resposta evasiva, mas que dessa vez pusesse fim aquele assunto.

— Então Gabriela, eu ainda não sou professora, mas posso te dizer que nada que aprendemos é em vão. Vai que um dia você participa de um programa na televisão, daqueles que dão prêmios por cada resposta certa, se cair um poema que você já leu, você não vai ficar com cara de tacho.

Ufa! Consegui deixar a garota sem ter o que falar...

No caminho para casa, sentei na janela do ônibus, encostei minha cabeça no vidro e fui tentando puxar na memória se algum professor, alguma vez, ao menos tentou explicar para mim ou para os meus colegas em sala de aula, sobre a importância da literatura em nossa vida.

Fui para casa com um nó na garganta, com uma sensação de que eu devia uma resposta para aquela menina, só que eu não tinha essa resposta. O que eu poderia falar, se nem a mim foi dada a resposta de tal questão, nem mesmo agora na graduação.

Como eu poderia explicar algo que nem a mim foi explicado?

E foi assim o meu primeiro dia na sala de aula, acabei saindo de lá com a maior das lições, que para ensinar, antes é preciso aprender!

Biografia

Zíngara Maria Barbosa de Lima — Advogada de formação, professora por vocação e estudante por paixão. Sempre fui encantada com as palavras e com as histórias que elas formam. Filha e neta de professores, desde muito cedo a literatura esteve presente na minha vida, e por este motivo decidi trilhar o caminho das letras. Este conto, é uma forma de passar para o papel uma pequena parte dos anseios que ainda tenho como futura professora.

Íterim

Entre os dedos, encostados em uma escrivaninha justa e dura de madeira escura, vasculhava o giz entre as linhas de algumas rugas. À frente, as cadeiras espalhadas por uma sala de dimensões visualmente gigantescas — mas talvez do tamanho do seu quarto —, se espalhavam em um cubo de taco as mesas verdes de pés carcomidos. Restavam 10 minutos para o início da aula, e poderia ser interessante ajeitar as mesas vividas, antevendo já a bagunça que iniciaria a classe, mesmo com os somente 15 alunos presenciais. Ao passo lento, calculou que, talvez, demorasse o tempo medido para os acertos finais da sala.

Logo que se levantou, o giz, já esquecido das mãos, caiu; a cordinha dos óculos, parceira desde que acorda, a prendeu numa farpa solta da mesa. Como uma devinda senhora, tentou se recompor com alguma elegância para manter a saia ajustada — mesmo que só estivesse ela, e a outra, ela mesma para julgá-la.

Os 10 minutos marcados por um movimento estratégico, porém, automático, do ajeitar das mesas, pensando no direcionamento de cada olhar: Bruno só vive no celular, melhor deixá-lo na minha frente para não ter

cara de pau; mas o Robertinho adora se sentar do lado do Bruno, e já está com a nota garantida, não será melhor, então, deixar o espaço para o Leandro? Desde que começou a pandemia não o vejo mais, a câmera sempre desligada.... Já roía lápis em silêncio quando estava em sala. A Larissa ia vir? Me avisou que não tinha microfone nas aulas, “onde estão os textos no Drive, professora?”. Demorei a entender que não se tratava de ninguém com apelido na escola... Até me entender, respondi até ontem: “também não sei, Larissa”.

Em um movimento cadenciado, não tão ordenado, fluiu uma meditação em movimento. Por tantos momentos lembrou dos últimos anos, ou meses que pareciam anos. Desde o início de tudo, dos 15 dias deflagrados em confinamento, adquirira uma catarata. Também teve que mudar os óculos para conterem uns reflexos azulados, devido às horas expostas em frente à tela. Falaram que todos deveriam optar por WhatsApp, mandar os conteúdos por lá, pois era mais fácil os estudantes baixarem as apostilas. Até então, Sandra não aprendera, ainda, como mudar a própria foto de perfil no tal aplicativo.

O filho a acompanhou por um tempo, para ajustar algumas pequenas-grandes configurações do computador antes da aula, que por mais que fossem justificadas como “são só questões técnicas, mãe”, pelo filho João, mais pareciam advindas de uma força do destino, ou de um impulso de vontade por parte do próprio computador — assim pensava dona Sandra. Foram meses de adaptação, ou inadequação. Em alguns momentos, lhe perguntavam como andavam as aulas, visto que cresceu na carreira como uma professora tão aguerrida ao qua-

dro negro, 30 anos de sala, e a história do Brasil, que já sabia o esquemazinho geométrico para traçar a linha do tempo do segundo reinado, que cobria toda a tela negra, de ponta a ponta. Ela respondia que, antes, tudo era melhor. Chegou a esquecer de tudo do antes: a falta de papel da escola para imprimir os materiais, o planejamento do filme e a tv que desligava sozinha, os 15 minutos para alcançar o silêncio (e agora ele era tanto e tão competente). Chegou a esquecer até dos comentários que julgava, por vezes, em excesso de rigor feito pelos colegas na hora do cafezinho (“dona Sandra, melhor deixar ele abandonar a escola mesmo”, “gente, esses meninos são burros ou o quê?”). Na verdade, as lembranças da experiência de uma perfeição controlada eram ministradas por algumas cenas esporádicas, fragmentadas — uma cadeira caiu, deixe que largue assim, os estudantes já entram — que vinham a sua mente: o misto quente sem igual da cantina, as perguntas bestas, mas de espantosa curiosidade, que dava um ânimo vital à dona Sandra: “é verdade que D. Pedro II adorava canja de galinha?”, perguntava o Paulo, que sempre pesquisava curiosidades máximas após as aulas. Na tela, sentia saudade do Paulinho. Às vezes, ele ousava enviar uma mensagem no “chat”, mas soava tão formal.... Ela só pedia para que ele evitasse os cortes de palavra, o “vc”, o “tbm”, elas não eram adequadas para o espaço formal da escola. Mas, na realidade, nos últimos dois meses, dona Sandra deu aulas vestida de um pijama chique.

As últimas mesas dispostas. O olhar dimensionava aquilo que também não foi tão bem alcançado: em alguns cantos as mesas coladas demais entre si; nas outras que estavam tão bem organizadas, faltavam-lhe o bem

primordial: a cadeira. Percebeu que alguns papéis rolavam embrulhados no chão. Qual seria a distância fundamental entre a escrivaninha e os alunos? Mas que também não começasse a espirrar por ficar tão perto do giz da lousa. Lembrava de um estudo científico que vira que a melhor posição era no canto esquerdo da sala, para ser vista por todos, mas, acima de tudo, conseguir observar a todos. De alguma maneira, estava viável dar a aula, era o que importava.

Dimensionou as cordinhas do óculos, o ajustou nas orelhas — um pouco pesada a lente, agora, com tantos antirreflexos —, e percebeu, na beira da visão, as pernas tombando em uma mureta fora da sala. Era o Paulinho perto do jardim, esperando dona Sandra terminar os ajustes da sala de aula, em beleza conforme à geometria do espaço. Só tinha o Paulo. Agora não faltavam mais 10 minutos para aula, já tinha atrasado 2 minutos para o seu início, segundo o relógio prata e analógico no pulso. Adquiriu uma mistura de ansiedade e estresse por tantos alunos faltantes, porém, ali estava o contato com esse único e primeiro, e a imprevisibilidade do tanto que poderia vir somente deste.

“Bom dia, dona Sandra”, disse Paulinho, interrompendo o fluxo interno e giratório da dona Sandra. “Bom dia, Paulo”, querendo chamá-lo de Linho, de tanta emoção por revê-lo, magrinho e pouquíssimo ajuizado o menino. “Hoje a aula vai ser no jardim”.

Biografia

Beatriz Alves Rocha — Sou estudante de Letras, na UFRJ. Minha relação com a crônica veio nos meus primeiros contatos com uma escrita autoral. Ainda criança, lembro de ser motivada a escrever

crônicas, quando ainda estava no início de uma maior intimidade com a linguagem escrita e com a leitura de textos literários. Acredito que a possibilidade que esse gênero literário fornece de inserção direta da realidade cotidiana, acompanhada de uma criatividade, fez parecer, já na infância, a literatura como algo próximo, e a nutrição de um carinho prematuro por ela.

M

as afinal quando comecei a gostar de ler? Na Faculdade de Letras esse é apenas um dos muitos questionamentos que surgem entre os futuros professores de português e literatura. Rubem Alves em seu texto Jardim, disse que começou a gostar de livros bem antes de saber ler, então não, isso não é apenas literatura daquelas que aprendemos na escola, não, isso é a leitura que tira as limitações, é uma forma de expressão.

Não à toa esse livro traz exatamente isso, expressões de alunos no final da graduação de letras, alguns que já atuam e outros que são quase professores, problemas na educação, dificuldades, alegrias. O livro também traz as crônicas de quatro professores que acompanharam estes professores em formação durante o estágio.

Em cada crônica vimos um pouco desse universo, as dificuldades de se trabalhar e estudar, as decepções, o que e como ensinar, porque como nos diria nosso mestre Paulo Freire, não se nasce professor, torna-se um educador.



Desalinho

ISBN 978-65-88544-29-7



9 786588 544297